



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA**

PLANO PEDAGÓGICO DE CURSO

Técnico em Instrumento Musical

(Subsequente)

NOVEMBRO, 2018

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA**► REITORIA**

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes | **Reitor**

Mary Roberta Meira Marinho | **Pró-Reitora de Ensino**

Degmar Francisca dos Anjos | **Diretor de Educação Profissional**

Rivânia Sousa da Silva | **Diretora de Articulação Pedagógica**

► CAMPUS JOÃO PESSOA

Neilor César dos Santos | **Diretor Geral**

Washington César de Almeida Costa | **Diretor de Desenvolvimento do Ensino**

Jocileide Bidô Carvalho Leite | **Chefe do Departamento de Articulação Pedagógica**

Marcílio Carneiro Dias | **Chefe do Departamento de Educação Profissional**

Cristóvam Augusto de Carvalho Sobrinho | **Chefe da Unidade Acadêmica IV**

Italan Carneiro Bezerra | **Coordenador do Curso Técnico em Instrumento Musical**

► COMISSÃO DE ELABORAÇÃO (Portaria DG/JP – IFPB nº 212, de 21 de maio de 2018)

Italan Carneiro Bezerra (Presidente) | **Docente da área técnica**

Simone Fernandes da Silva | **Pedagoga DEPAP/COPED**

Adriano Caçula Mendes | **Docente da área técnica**

Ana Carolina da Silva Petrus | **Docente da área técnica**

Cristóvam Augusto de Carvalho Sobrinho | **Docente da área técnica**

Danilo Cardoso de Andrade | **Docente da área técnica**

Draylton Siqueira Silva | **Docente da área técnica**

Gilvanildo de Aquino Sena | **Docente da área técnica**

José Alessandro Dantas Dias Novo | **Docente da área técnica**

Marina Tavares Zenaide Marinho | **Docente da área técnica**

Teresa Cristina Rodrigues Silva | **Docente da área técnica**

Vinícius de Lucena Fernandes | **Docente da área técnica**

Vinícius Ferreira Amaral | **Docente da área técnica**

Edilene Lucena Medeiros | **Docente CLCT - Língua Inglesa**

Ericka Anulina Cunha de Oliveira | **Docente CLCT - Língua Portuguesa**

Valdelucia dos Santos Frazão | **Docente CLCT - Língua Espanhola**

Juliana Ellen Candeia de Lima | **Representante discente**

Odelio Bruno de Sousa Rodrigues | **Representante discente**

Ronald Alexandre Costa | **Representante discente**

► CONSULTORIA PEDAGÓGICA

Tiberio Ricardo de Carvalho Silveira | **IFPB/PRE/DAPE**

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. CONTEXTO DO IFPB - Campus João Pessoa	7
2.1. Dados Gerais	7
2.2. Síntese Histórica	7
2.3. Missão Institucional	10
2.4. Valores	11
2.5. Finalidades	11
2.6. Objetivos Institucionais	122
3. CONTEXTO DO CURSO	14
3.1. Dados Gerais	144
3.2. Justificativa	144
3.3. Concepção do Curso	167
3.4. Objetivos do Curso	20
3.4.1. Objetivo Geral	20
3.4.2. Objetivos Específicos	20
3.5 Perfil Profissional de Conclusão	21
3.6 Campo de Atuação	22
4. MARCO LEGAL	234
5. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	28
6. METODOLOGIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PREVISTAS	30
6.1 Flexibilização Curricular	31
7. PRÁTICAS PROFISSIONAIS	36
8. MATRIZ CURRICULAR	38
9. REQUISITOS E FORMAS DE ACESSO	39
10. CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES	41
11. CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO	42
11.1 Avaliação da Aprendizagem	44
11.2 Avaliação Institucional	415
12. DA APROVAÇÃO E DA REPROVAÇÃO	Error! Bookmark not defined.
13. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	437
14. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC	50
14.1. Monografia	50

	4
14.2 Recital de Conclusão de Curso	482
15. CERTIFICADOS E DIPLOMAS	504
16. PLANO DE AÇÕES DE PERMANÊNCIA E ÉXITO	505
17. PERFIL DO CORPO DOCENTE	559
18. BIBLIOTECA	60
18.1. Biblioteca Setorial (Instrumentoteca)	62
19. INFRAESTRUTURA	593
19.1. Instalações e Equipamentos	593
19.2 Infraestrutura de Segurança	593
19.3. Ambientes da Coordenação do Curso	593
19.4 Condições de acesso às pessoas com necessidades específicas	64
19.5 Coordenação de Assistência às Pessoas com Necessidades Específicas (Coapne)	65
20. PLANOS DE DISCIPLINAS	67
21. REFERÊNCIAS	136

1. APRESENTAÇÃO

O Campus João Pessoa apresenta o Plano Pedagógico para o Curso Técnico em Instrumento Musical, na forma subsequente, eixo tecnológico Produção Cultural e Design, considerando a atual política do Ministério da Educação – MEC, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº 9.394/96), Decreto nº 5.154/2004, atualizado pelo Decreto nº 8.268/2014, que define a articulação entre a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e o Ensino Médio, as orientações do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos - CNCT (2016), bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs, definidas pelo Conselho Nacional de Educação para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Nesse contexto, o IFPB elabora o referido plano, primando pelo envolvimento dos profissionais e articulação das áreas de conhecimento, na definição de um perfil de conclusão e de competências básicas, saberes e princípios norteadores que garantam à proposta curricular, além da profissionalização, a formação omnilateral dos sujeitos. Este Plano Pedagógico se constitui instrumento teórico-metodológico que visa alicerçar e dar suporte ao enfrentamento dos desafios do Curso Técnico em Instrumento Musical de uma forma sistematizada, didática e participativa, em uma trajetória a ser seguida pelo público-alvo no cenário educacional, com a função de traçar o horizonte da caminhada, estabelecendo a referência geral, expressando o desejo e o compromisso dos envolvidos no processo. Destacamos que o referido plano é fruto de uma construção coletiva dos ideais didático-pedagógicos, do envolvimento e contribuição conjunta do pensar crítico dos docentes, discentes e técnicos do referido curso, norteando-se na legislação educacional vigente e visando o estabelecimento de procedimentos de ensino e de aprendizagem aplicáveis à realidade e, consequentemente, contribuindo com o desenvolvimento socioeconômico da Região do litoral Paraibano e de outras regiões beneficiadas com os seus profissionais egressos.

Com isso, pretende-se que os resultados práticos estabelecidos neste documento culminem em uma formação globalizada e crítica para os envolvidos no processo formativo e beneficiados ao final, de forma que se exerça, com fulgor, a cidadania e se reconheça a educação como instrumento de transformação de realidades e responsável pela resolução de problemáticas contemporâneas. Ademais, com a atualização do Curso Técnico Subsequente em Instrumento Musical no *Campus João Pessoa*, o IFPB consolida a sua vocação de instituição formadora de profissionais cidadãos capazes de lidarem com o avanço da ciência

e da tecnologia e dele participarem de forma proativa configurando condição de vetor de desenvolvimento tecnológico e de crescimento humano.

2. CONTEXTO DO IFPB - Campus João Pessoa

2.1. Dados Gerais

CNPJ	10.783.898/0001-75		
Razão Social	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba		
Unidade:	<i>Campus João Pessoa</i>		
Esfera Administ.	Federal		
Endereço	Av. 1º de Maio, 720, Jaguaribe		
Cidade	João Pessoa	CEP: 58015-430	UF: Paraíba
Fone	(83) 3612 -1200		
Site	www.ifpb.edu.br		

2.2. Síntese Histórica

O Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) tem mais de cem anos de existência. Ao longo de todo esse período, recebeu diferentes denominações: Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba (1909 a 1937), Liceu Industrial de João Pessoa (1937 a 1961), Escola Industrial “Coriolano de Medeiros” ou Escola Industrial Federal da Paraíba (1961 a 1967), Escola Técnica Federal da Paraíba (1967 a 1999), Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (1999 a 2008) e, a partir de 2008, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Revendo um pouco essa trajetória do Instituto, o presidente Nilo Peçanha por intermédio de Decreto Nº 7.566, de 23 setembro de 1909, criou uma Escola de Aprendizes Artífices em cada capital dos estados da federação, como solução reparadora da conjuntura socioeconômica que marcava o período, como forma de conter conflitos sociais e qualificar mão-de-obra barata, suprindo o processo de industrialização incipiente que, experimentando uma fase de implantação, viria a se intensificar a partir dos anos 30.

Àquela época, essas Escolas atendiam aos chamados “desvalidos da sorte”, que provocavam um aumento desordenado na população das cidades, notadamente com a expulsão de escravos das fazendas, que migravam para os centros urbanos. Tal fluxo migratório era mais um desdobramento social gerado pela abolição da escravatura, ocorrida em 1888, que desencadeou sérios problemas de urbanização.

A Escola de Aprendizes e Artífices da Paraíba, inicialmente funcionou no Quartel do Batalhão da Polícia Militar do Estado, depois se transferiu para o Edifício construído na Avenida João da Mata, atual sede da Reitoria, onde funcionou até os primeiros anos da década de 1960 e, finalmente, instalou-se no prédio localizado na Avenida Primeiro de Maio, bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, Capital.

Como Escola Técnica Federal da Paraíba, no ano de 1995, a Instituição interiorizou suas atividades, através da instalação da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras – UNED–CZ.

Enquanto Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET–PB), a Instituição experimentou um fértil processo de crescimento e expansão em suas atividades, passando a contar, além de sua Unidade Sede, com o Núcleo de Educação Profissional (NEP), que funciona à Rua das Trincheiras, o Núcleo de Pesca, em Cabedelo e a implantação da Unidade descentralizada de Campina Grande - UNED-CG.

Dessa forma, em consonância com a linha programática e princípios doutrinários consagrados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e normas dela decorrentes, esta instituição oferece às sociedades paraibana e brasileira, cursos técnicos de nível médio (integrado e subsequente) e cursos superiores de tecnologia, bacharelado e licenciatura.

Com o advento da Lei 11.892/2008, o CEFET passou à condição de Instituto, referência da Educação Profissional na Paraíba. Além dos cursos usualmente chamados de “regulares”, a Instituição desenvolve um amplo trabalho de oferta de cursos extraordinários, de curta e média duração, atendendo a uma expressiva parcela da população, a quem são destinados também cursos técnicos básicos, programas de qualificação, profissionalização e reprofissionalização e para melhoria das habilidades de competência técnica no exercício da profissão.

Em observância ao que prescreve a referida Lei, o IFPB tem desenvolvido estudos que visam oferecer programas para formação, habilitação e aperfeiçoamento de docentes da rede pública.

Para ampliar suas fronteiras de atuação, o Instituto desenvolve ações na modalidade de Educação a Distância (EAD), investindo com eficácia na capacitação dos seus professores e técnicos administrativos, no desenvolvimento de atividades de pós-graduação *lato sensu*, *stricto sensu* e de pesquisa aplicada, preparando as bases à oferta de pós-graduação nestes níveis, horizonte aberto com a nova Lei.

No ano de 2010, contemplado com o Plano de Expansão da Educacional Profissional, Fase II, do Governo Federal, o Instituto implantou mais cinco *Campi*, no estado da Paraíba, atuando em cidades consideradas pólos de desenvolvimento regional, como Picuí, Monteiro, Princesa Isabel, Patos e Cabedelo.

Dessa forma, o Instituto Federal da Paraíba passou a contemplar ações educacionais em João Pessoa e Cabedelo (Litoral), Campina Grande (Brejo e Agreste), Picuí (Seridó Oriental e Curimataú Ocidental), Monteiro (Cariri), Patos, Cajazeiras, Sousa e Princesa

Isabel (Sertão), conforme figura a seguir:

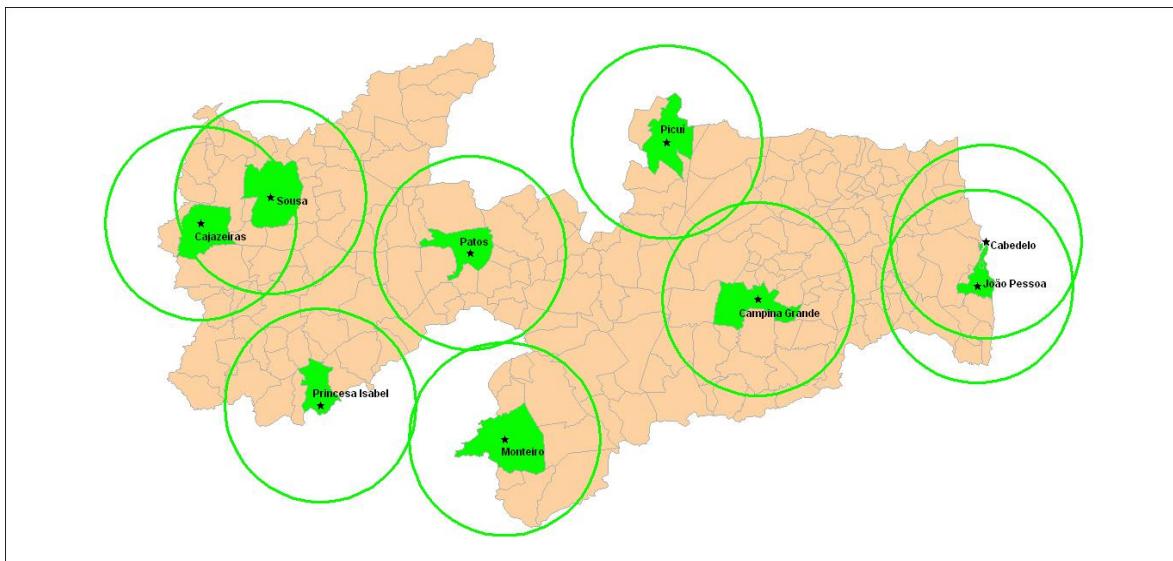


Figura 1. Localização geográfica dos *campi* do IFPB no Estado da Paraíba.

Esses *Campi* levam a essas cidades e adjacências Educação Profissional nos níveis básico, técnico e tecnológico, proporcionando-lhes crescimento pessoal e formação profissional, oportunizando o desenvolvimento socioeconômico regional, resultando em melhor qualidade de vida à população beneficiada.

O IFPB, considerando as definições decorrentes da Lei nº. 11.892/2008, observando o contexto das mudanças estruturais ocorridas na sociedade e na educação brasileira, adota um Projeto Acadêmico baseado na sua responsabilidade social advinda da referida Lei, a partir da construção de um projeto pedagógico flexível, em consonância com o proposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, buscando produzir e reproduzir os conhecimentos humanísticos, científicos e tecnológicos, de modo a proporcionar a formação plena da cidadania, que será traduzida na consolidação de uma sociedade mais justa e igualitária.

O IFPB atua nas áreas profissionais das Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes.

Nessa perspectiva, a organização do ensino no Instituto Federal da Paraíba oferece

aos seus estudantes oportunidades em todos os níveis da aprendizagem, permitindo o processo de verticalização do ensino. Ampliando o cumprimento da sua responsabilidade social, o IFPB atua em Programas tais como PRONATEC (FIC e técnico concomitante), PROEJA, Mulheres Mil, CERTIFIC, propiciando o prosseguimento de estudos através do Ensino Técnico de Nível Médio, do Ensino Tecnológico de Nível Superior, das Licenciaturas, dos Bacharelados e dos estudos de Pós-Graduação *lato sensu* e *stricto sensu*.

Em sintonia com o mercado de trabalho e com a expansão da Rede Federal de Educação Profissional, o IFPB implantou, a partir de 2014, 06 (seis) novos *campi* nas cidades de Guarabira, Itaporanga, Itabaiana, Catolé do Rocha, Santa Rita e Esperança, contemplados no Plano de Expansão III. Assim, junto aos *campi* já existentes, promovem a interiorização da educação no território paraibano, conforme indica a figura 2:

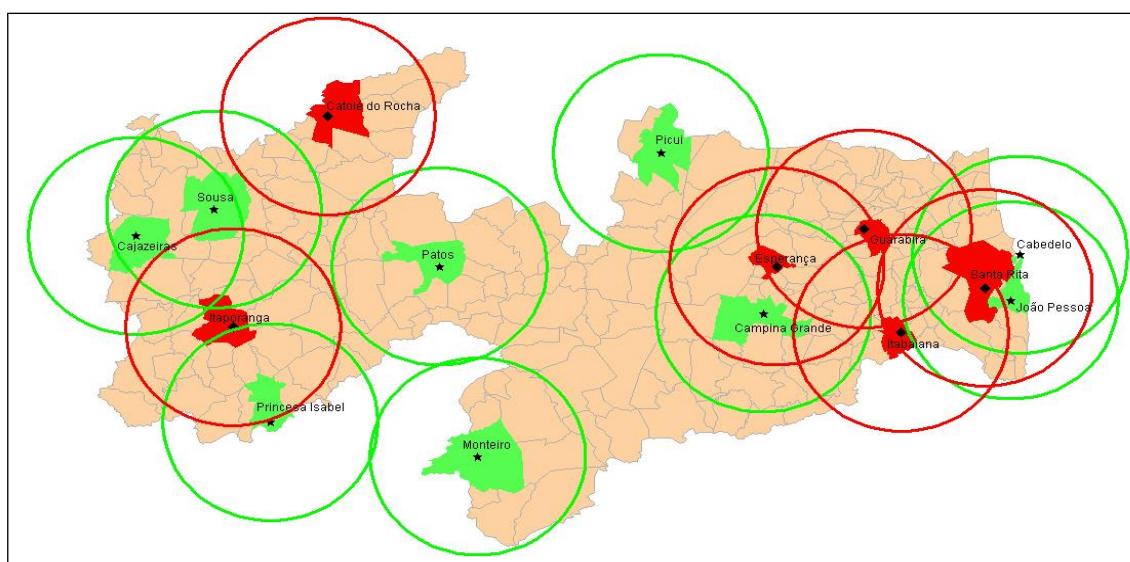


Figura 2. Municípios paraibanos contemplados com o Plano de Expansão III do IFPB.

2.3. Missão Institucional

O Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, (2015-2019) estabelece como missão dos *campi* no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB:

Ofertar a educação profissional, tecnológica e humanística em todos os seus níveis e modalidades por meio do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, na perspectiva de contribuir na formação de cidadãos para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade inclusiva, justa, sustentável e democrática. (IFPB/PDI, p. 12)

2.4. Valores

No exercício da Gestão, a partir de uma administração descentralizada, o IFPB dispõe ao *campus* de João Pessoa a autonomia da Gestão Institucional democrática, tendo como referência os seguintes princípios, o que não se dissocia do que preceitua a Instituição demandante:

- a) Ética – Requisito básico orientador das ações institucionais;
- b) Desenvolvimento Humano – Fomentar o desenvolvimento humano, buscando sua integração à sociedade por meio do exercício da cidadania, promovendo o seu bem-estar social;
- c) Inovação – Buscar soluções para as demandas apresentadas;
- d) Qualidade e Excelência – Promover a melhoria contínua dos serviços prestados;
- e) Transparência – Disponibilizar mecanismos de acompanhamento e de publicização das ações da gestão, aproximando a administração da comunidade;
- f) Respeito – Ter atenção com estudantes, servidores e público em geral;
- g) Compromisso Social e Ambiental – Participa efetivamente das ações sociais e ambientais, cumprindo seu papel social de agente transformador da sociedade e promotor da sustentabilidade.

2.5. Finalidades

Segundo a Lei 11.892/08, o IFPB é uma Instituição de Educação Superior, Básica e Profissional, pluricurricular e *multicampi*, especializada na oferta de Educação Profissional e Tecnológica, contemplando os aspectos humanísticos nas diferentes modalidades de ensino com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com a prática pedagógica.

O Instituto Federal da Paraíba atua em observância com a legislação vigente com as seguintes finalidades:

- I.** Ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;
- II.** Desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas

sociais e peculiaridades regionais;

III. Promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e à educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;

IV. Orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal da Paraíba;

V. Constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico e criativo;

VI. Qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;

VII. Desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;

VIII. Realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;

IX. Promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente, as voltadas à preservação do meio ambiente e à melhoria da qualidade de vida;

X. Promover a integração e correlação com instituições congêneres, nacionais e Internacionais, com vista ao desenvolvimento e aperfeiçoamento dos processos de ensino-aprendizagem, pesquisa e extensão.

2.6. Objetivos Institucionais

Observadas suas finalidades e características, são objetivos do Instituto Federal da Paraíba:

I. Ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II. Ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III. Realizar pesquisas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV. Desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, culturais e ambientais;

V. Estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional;

VI. Ministrar em nível de educação superior:

- a)** Cursos de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia;
- b)** Cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas à formação de professores para a educação básica, sobretudo, nas áreas de ciências e matemática e da educação profissional;
- c)** Cursos de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento;
- d)** Cursos de pós-graduação *lato sensu* de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento;
- e)** Cursos de pós-graduação *stricto sensu* de mestrado e doutorado que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica.

3. CONTEXTO DO CURSO

3.1. Dados Gerais

Denominação	Curso Técnico em Instrumento Musical
Forma	Subsequente ao Ensino Médio
Eixo Tecnológico	Produção Cultural e Design
Duração	04 (quatro) semestres
Instituição	IFPB – <i>Campus João Pessoa</i>
Carga Horária Total	891 h/r
Estágio	Mínimo de 200 horas
Turno de Funcionamento	Vespertino
Vagas semestrais	30 (trinta)

3.2. Justificativa

As funções da música na sociedade têm sido tema de reflexões e investigações de vários professores e pesquisadores no cenário nacional e internacional da educação musical. Entre eles destacam-se Merriam (1964), Ibañes (1988), Gifford (1988), Fuks (1991; 1993), Freire (1992; 1999), Souza (1992; 2000), Tourinho (1993b; 1994), Bresler (1996), Swanwick (1997; 2003), Campbell (1998), Araújo (2001), Beyer (2001), Del Ben e Hentschke (2002), Duarte (2002), Souza et al. (2002) entre outros.

O antropólogo cultural e etnomusicólogo Alan Parkhurst Merriam divide as funções da música na sociedade em 10 (Dez) categorias: a) função de expressão emocional; b) função de prazer estético; c) função de divertimento, entretenimento; d) função de comunicação (textos musicais); e) função de representação simbólica; f) função de representação física; g) função de imposição às conformidades sociais; h) função de validação das instituições sociais e rituais religiosos; i) função de contribuição e estabilidade da cultura; j) função de contribuição para integração da sociedade. A música, então, fornece um ponto de convergência no qual os membros da sociedade se reúnem para participar de atividades que exigem cooperação e coordenação do grupo. Nem todas as músicas são apresentadas dessa forma, mas todas as sociedades têm ocasiões marcadas por música que atrai seus membros e os recorda de sua unidade (Merriam, 1964, p. 226). A música é claramente indispensável para uma promulgação apropriada das atividades que constituem uma sociedade; é um comportamento humano universal. Para Swanwick (1997, 2003) e Campbell (1998) o ensino da música abre possibilidades para construção de conhecimento tanto quanto outras áreas de ensino dentro da escola. O manuseio dos elementos formadores

da música, os componentes estéticos que a envolvem e as questões históricas que a localizam são fontes que abastecem os estudantes de várias possibilidades de criação e recriação de significados. A música pode, então, contribuir efetivamente para a formação integral do ser, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não-verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade além de transmitir e resgatar uma série de elementos da cultura (DEL BEN; HENTSCHKE, 2002, p. 52-53).

A educação musical contemporânea demanda a construção de novos processos de significação paralelos às práticas estabelecidas que deem conta da diversidade de experiências musicais vivenciadas na sociedade atual. Claramente, a música se encontra presente na vida, sendo um dos meios de expressão cultural e interação humana. Entretanto, em relação ao ensino da música nas Escolas, considerando-se as disparidades sócio-econômico-culturais, percebe-se que o acesso aos saberes e bens artísticos ainda estão distantes do processo de democratização.

Considerando que a música se faz presente no cotidiano da sociedade, sob vários estilos, formas, gêneros e tecnologias, há uma pressão de demanda por profissionais capacitados e alinhados com o desenvolvimento tecnológico. Nesse contexto, a proposta de um Curso Técnico Subsequente em Instrumento Musical atende a sociedade na perspectiva da preparação para o mundo do trabalho sem desconsiderar a formação humanística, observando-se as profundas alterações decorrentes dos avanços científicos e nas mudanças paradigmáticas da indústria fonográfica. Noutros termos, trata-se de um Curso que pretende alinhar ou mesmo aproximar suas ações às necessidades da sociedade, vinculando as relações entre o mundo do trabalho e a Educação Profissional, objetivando o desenvolvimento dos potenciais musicais através da formação e qualificação de cidadãos.

O campo da música dispõe de um espaço significativo. Na Paraíba, há um cenário de atuação musical considerável, pelo que se observam orquestras, bandas, corais, grupos instrumentais, estúdios de gravação, casas noturnas, shows, bailes, recitais, eventos de promoção turística, congressos, seminários, feiras, festividades, lançamentos artísticos, teatro, balé, cinema, jingles, trilhas sonoras, edição de partituras etc. Somem-se a essas circunstâncias as Leis de Incentivo à Cultura nas esferas Municipal, Estadual e Federal, que vem ampliando significativamente os espaços de atuação profissional. Então, a oferta do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical surge para suprir as necessidades nessa área específica do conhecimento, cumprindo, inclusive, uma importante função de

proporcionar uma formação qualificada, seja para o exercício profissional, seja para prosseguimento de estudos em nível superior.

Com relação às demandas existentes, a capital do Estado, João Pessoa, onde está localizada a unidade sede do IFPB, local onde de funcionamento do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical, segundo o censo do IBGE 2010 possui, uma população de 723.514 habitantes com uma densidade populacional de 3.436,29 hab/km². A Lei Complementar Estadual no. 59, de 2003, criou o *Condiam* e a Região Metropolitana de João Pessoa, constituída pelos municípios de Bayeux, Cabedelo, Conde, Cruz do Espírito Santo, João Pessoa, Lucena, Alhandra, Pitimbu, Caaporã, Mamanguape, Rio Tinto e Santa Rita. A região abriga atualmente uma população de aproximadamente 1.200.000 habitantes. João Pessoa possui uma situação geográfica privilegiada na região Nordeste, estando equidistante das principais capitais nordestinas. Num raio de cerca de 150 km localizam-se as cidades de Recife (PE), Natal (RN) e Campina Grande (PB). Esta localização, a princípio, já disponibilizaria, além do potencial local, três grandes espaços de trabalho. Entretanto, observe-se que o profissional da área de Cultura e Design possui um perfil multifacetado, com diversas possibilidades de atuação profissional.

A implementação do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical representa um marco significativo para o cenário artístico-cultural paraibano. Em termos de Educação Musical Formal no âmbito do Estado da Paraíba, podemos apontar como fatos significativos a criação da Escola de Música Anthenor Navarro – EMAN (1931), a instalação do Departamento de Música da UFPB – DeMús/UFPB (1978), o surgimento do Programa de Pós Graduação em Música da UFPB - PPGM/UFPB (2004), e a criação do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB – Campus João Pessoa (2009).

Diante dos argumentos até aqui expostos, o IFPB representa um *lócus* educacional significativo exatamente por ofertar uma possibilidade formativa real para uma demanda existente em nosso Estado atendendo, portanto, a missão de preparar para o mundo do trabalho considerando a formação humanística.

3.3. Concepção do Curso

A educação profissional é enfatizada tendo como dimensões indissociáveis as relações emancipatórias, os fundamentos científicos das diversas técnicas que caracterizam os processos de trabalho na área da Música e da realidade sócio-histórico-cultural, econômica, política, do mundo do trabalho, como produção da existência e de si,

contextualizada nas múltiplas dimensões da vida. De acordo com o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (CNCT 2016), o Curso Técnico Subsequente em Instrumento Musical se insere no eixo tecnológico Produção Cultural e Design. Na forma integrada está ancorado na LDB (Lei nº 9.394/1996) alterada pela Lei nº 11.769/2008, legislações educacionais específicas, ações previstas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Regulamentos Interno do IFPB. A concepção de uma formação técnica que articule as dimensões do **trabalho, ciência, cultura e tecnologia** sintetiza todo o processo formativo por meio de estratégias pedagógicas apropriadas e recursos tecnológicos fundados em uma sólida base cultural, científica e tecnológica, de maneira integrada na organização curricular do curso.

O **trabalho** é conceituado, na sua perspectiva ontológica de transformação da natureza, como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção da sua existência. Essa dimensão do trabalho é, assim, o ponto de partida para a produção de conhecimentos e de cultura pelos grupos sociais. A **ciência** é um conjunto de conhecimentos sistematizados, produzidos socialmente ao longo da história, na busca da compreensão e transformação da natureza e da sociedade. Se expressa na forma de conceitos representativos das relações de forças determinadas e apreendidas da realidade. Os conhecimentos produzidos nas disciplinas científicas e legitimados socialmente ao longo da história são resultados de um processo empreendido pela humanidade na busca da compreensão e transformação dos fenômenos naturais e sociais. Nesse sentido, a ciência conforma conceitos e métodos cuja objetividade permite a transmissão para diferentes gerações, ao mesmo tempo em que podem ser questionados e superados historicamente, no movimento permanente de construção de novos conhecimentos.

Entende-se **cultura** como o resultado do esforço coletivo tendo em vista conservar a vida humana e consolidar uma organização produtiva da sociedade, do qual resulta a produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade. A **tecnologia** pode ser entendida como transformação da ciência em força produtiva ou mediação do conhecimento científico e a produção, marcada desde sua origem pelas relações sociais que a levaram a ser produzida. O desenvolvimento da tecnologia visa a satisfação das necessidades humanas, o que nos leva a perceber que a tecnologia é uma extensão das capacidades humanas. A partir do nascimento da ciência moderna, pode-se definir a tecnologia, então, como mediação entre conhecimento científico (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção no real).

Compreender o **trabalho como princípio educativo** é a base para a organização e desenvolvimento curricular em seus objetivos, conteúdos e métodos assim, equivale dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, dela se apropria e pode transformá-la e, ainda, que é sujeito de sua história e de sua realidade. Em síntese, o trabalho é a primeira mediação entre o homem e a realidade material e social.

Considerar a **pesquisa como princípio pedagógico** instigará o educando no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gerando inquietude, na perspectiva de protagonizar buscas pelas informações e saberes.

O currículo do Curso Técnico Subsequente em Instrumento Musical está fundamentado nos pressupostos de uma educação de qualidade, com o propósito de formar um profissional/cidadão que, inserido no contexto de uma sociedade em constante transformação, atenda às necessidades do mundo do trabalho com ética, responsabilidade e compromisso social.

Dentre os princípios norteadores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio – EPTNM, conforme Parecer CNE/CEB nº 11/2012 e Resolução CNE/CEB Nº 6 de 20 de Setembro de 2012, destacamos:

- Relação e articulação entre a formação geral desenvolvida no ensino médio na preparação para o exercício das profissões técnicas, visando à formação integral dos estudantes;
- Integração entre educação, trabalho, ciência, tecnologia e cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular;
- Integração de conhecimentos profissionais, na perspectiva da articulação entre saberes específicos, tendo trabalho e pesquisa, respectivamente, como princípios educativo e pedagógico;
- Reconhecimento das diversidades dos sujeitos, inclusive de suas realidades étnico-culturais, como a dos negros, quilombolas, povos indígenas e populações do campo;
- Atualização permanente dos cursos e currículos, estruturados com base em ampla e confiável base de dados;
- Instituir as condições para que os sujeitos da educação profissional técnica de nível médio possam atuar como dirigentes e não apenas como dirigidos.

3.4. Objetivos do Curso

3.4.1. Objetivo Geral

Formar profissionais técnicos de nível médio, observando os aspectos políticos, éticos, sociais e culturais, considerando uma das seguintes habilitações: bandolim, bateria, canto, cavaquinho, clarinete, contrabaixo acústico, contrabaixo elétrico, guitarra elétrica, piano, saxofone, trompete, viola, violão, violino e violoncelo.

3.4.2. Objetivos Específicos

- Desenvolver a educação profissional em conexão com o trabalho, ciência, a pluralidade cultural e as tecnologias, compreendendo as relações entre as partes que compõem as múltiplas dimensões da realidade com a área musical;
- Proporcionar aos estudantes oportunidades para apropriação dos saberes profissionais e humanísticos, na perspectiva do mundo do trabalho e da intervenção na realidade sócio-político-estético-cultural;
- Atuar de forma ética, técnica, afetiva e política, visando contribuir para as transformações das relações sociais injustas em função dos interesses coletivos;
- Possibilitar a apropriação de saberes culturais por meio de pesquisas, vivências, além da ludicidade, em todos os campos possíveis onde se dá a preparação para o trabalho e para a vida, o desenvolvimento da autonomia e as relações emancipatórias;
- Enfatizar o desenvolvimento dos saberes profissionais, a ampliação dos saberes necessários aos cidadãos, incorporando as dimensões técnicas de cada instrumento à dimensão intelectual, à leitura, escrita e percepção musical, a prática vocal, linguagens, lógicas, interpessoalidade, responsabilidade e solidariedade;
- Proporcionar o acesso ao mundo do trabalho musical, observando as transformações produtivas entre os diversos períodos históricos, construindo caminhos e conexões com o mundo do trabalho e a vida, analisando suas mudanças, compreendendo-as e ressignificando-as;
- Interpretar peças musicais observando a heterogeneidade das suas manifestações, incluindo expressões musicais de etnias e diferentes culturas respeitando valores, crenças, conceitos, gêneros, estilos, tanto dos criadores como dos apreciadores das expressões musicais, utilizando criticamente as tecnologias de produção e interpretações artísticas;

- Organizar e interpretar roteiros, editais e instruções para a realização de projetos artísticos, aplicando normas e leis que regulamentem atividades da área, como as referentes a direitos autorais, patentes, saúde e segurança do trabalho utilizando eticamente as possibilidades oferecidas por Leis de incentivo à produção na área;
- Oferecer aos estudantes possibilidades de atuação profissional como musicistas, propondo situações de aprendizagens significativas que lhes permitam desenvolver saberes artísticos, culturais e profissionais para integrar, intervir e atuar na realidade sócio-histórica-econômica, política da sociedade contemporânea, integrando-se a espaços artísticos de fomento musical nas diversas regiões do país.

3.5 Perfil Profissional de Conclusão

Profissional com sólida formação musical, humanística e tecnológica, capaz de analisar criticamente os fundamentos da formação social e de se reconhecer como agente de transformação do processo histórico. Considerando, ainda, o mundo do trabalho, a contextualização sócio-político-econômica e o desenvolvimento sustentável, agregando princípios éticos e valores artístico-culturais para o pleno exercício da cidadania, com competência para:

- Desenvolver atividades de performance instrumental;
- Apropriar-se de elementos musicais para arranjos e harmonizações musicais;
- Utilizar a música como ferramenta de ressignificação cultural, do lazer e dos processos de formação humana;
- Compreender os fundamentos dos processos de criação, produção e difusão da música;
- Integrar os saberes da formação geral com o trabalho e com o desenvolvimento da vida acadêmica de modo indissociável em suas possibilidades criativas e relações emancipatórias.

Ao final do Curso, o aluno obterá a habilitação na área instrumental de acordo com a linha de formação escolhida, já explicitada no objetivo geral, para o desenvolvimento das especificidades técnico-musicais.

Na perspectiva de uma educação que contemple a dimensão omnilateral dos educandos, é preciso construir um contrato social institucional, democrático e inclusivo, pautado em relações de alteridade e compartilhamento de ideias, privilegiando a integração de saberes e considerando questões sócio-histórico-político-culturais contextualizadas no

cotidiano em sua complexidade. Nesse sentido propõe-se o currículo por temas geradores como outra possibilidade de integração, sintonizado com saberes populares, integrando conceitos e princípios comuns a diferentes componentes curriculares. Buscam-se aproximações com o cotidiano e os interesses dos estudantes, podendo realizar análise da construção dos conhecimentos nos diferentes períodos históricos e temas escolhidos coletivamente.

Esta proposta curricular poderá organizar os conhecimentos de acordo com a pertinência social, articulada a uma perspectiva política de intervenção nas relações sociais excludentes, em conexão com o universo cultural dos estudantes envolvidos nos processos de aprendizagens. São necessários aos docentes, portanto, estudos e pesquisas para orientarem os estudantes nas atividades, mobilizando saberes para além dos conhecimentos da formação específica. Nessa direção a sequência dos conhecimentos pode ser alterada, observando que alguns saberes podem ser privilegiados em detrimento de outros, dependendo da natureza da atividade.

3.6 Campo de Atuação

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (p. 211), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), preconiza a formação e a qualificação profissional para o trabalho, proporcionando aos educandos autonomia intelectual e formação necessária para o desenvolvimento de seu itinerário profissional, a partir da identificação das necessidades do mundo do trabalho e das demandas da sociedade. Em acordo com tais proposições, o Curso Técnico em Instrumento Musical habilita profissionais da área de música a atuarem com competências para:

- Aplicar os conhecimentos musicais, humanísticos, científicos e tecnológicos assimilados durante o processo formativo nas diversas áreas do conhecimento;
- Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema na direção da emancipação humana enquanto devir;
- Trabalhar em equipe, com postura ética, iniciativa, responsabilidade social e espírito colaborador, respeitando a diversidade de ideias no reforço do processo democrático;
- Atuar em áreas da produção musical, como editoração de partituras, redação de programas, elaboração de projetos artístico-musicais, gestão de grupos musicais,

desenvolvimento de jingles, construção de timbres, trilhas sonoras para filmes artísticos, publicitários e comerciais, produção musical através de aparelhos eletrônicos, respeitando as relações dos seres humanos com o seu ambiente;

- Realizar produções artístico-musicais individuais e coletivas, interpretando métodos e técnicas, utilizando os recursos e equipamentos específicos à produção e ressignificação das múltiplas e diversas manifestações culturais;
- Realizar produções artístico-musicais individuais e coletivas, utilizando métodos e técnicas, através dos diversos recursos e equipamentos, ressignificando e contribuindo com as múltiplas e diversas manifestações culturais;
- Utilizar criticamente novas tecnologias nas produções e interpretações artísticas, identificando e aplicando os componentes dos códigos artísticos e musicais;
- Trabalhar em diversas instituições onde o fazer musical se realiza, como orquestras, bandas de música, *big bands*, corais e grupos camerísticos, grupos de música popular e grupos especializados em eventos sociais;
- Operar em estúdios de gravação, emissoras de rádio e televisão, multimídia, casas noturnas, bares, bem como realizar trabalhos autônomos na área musical, atendendo a uma demanda diversificada de espaços alternativos de interação social, lazer e cultura;
- Atuar como professor nos espaços não formais de Educação Musical, tais quais escolas particulares, cursos livres, ONGs, etc.
- Dar prosseguimento aos estudos como uma das possibilidades de ampliação da autonomia intelectual e crítica, favorecendo a iniciativa e o protagonismo para o desenvolvimento dos respectivos projetos de vida.

4. MARCO LEGAL

O Plano Pedagógico do Curso Técnico em Instrumento Musical, na forma subsequente ao Ensino Médio, do eixo tecnológico Produção Cultural e Design, fundamenta-se no que dispõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, atualizada pelo conjunto de Leis, dentre elas Lei nº 11.741/2008, de 16 de julho de 2008 que institucionaliza e integra a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação Profissional Tecnológica (EPT); Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

O referido PPC tem sua estrutura constituída conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais, definidas pelo Conselho Nacional de Educação para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, as orientações do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos – CNCT (Resolução CNE/CEB nº 1/2014), e legislações complementares que definem inserções curriculares nos projetos pedagógicos dos cursos.

Constitui-se, também, como referência para efetivação dos cursos técnicos subsequentes, as decisões institucionais traduzidas nos objetivos, princípios e concepções descritos no PDI/PPI do IFPB e na compreensão da educação como uma prática social.

Conforme recomendação, ao considerar as DCN para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, não é adequada à concepção de educação profissional como simples instrumento para o ajustamento às demandas do mercado de trabalho, mas como importante estratégia para que os cidadãos tenham efetivo acesso às conquistas científicas e tecnológicas da sociedade. Impõe-se a superação do enfoque tradicional da formação profissional baseado apenas na preparação para execução de um determinado conjunto de tarefas. A educação profissional requer além do domínio operacional de um determinado fazer, a compreensão global do processo produtivo, com a apreensão do saber tecnológico, a valorização da cultura e do trabalho, e a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões.

A Constituição Federal de 1988 consagra o Estado Democrático de Direito – a dignidade humana e os direitos ampliados da cidadania (civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais) – em seus fundamentos, em observância aos tratados de proteção dos direitos humanos. Desse modo, o documento respaldou avanços significativos para a educação escolar de pessoas com deficiência, na perspectiva do acesso, permanência e êxito dos estudantes, conforme as capacidades individuais.

Dentre os marcos legais da política educacional vigente que respalda a questão da inclusão da pessoa com deficiência, a LDBEN assegura através dos sistemas de ensino:

currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às necessidades dos educandos *com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação* (art. 59, inciso I) e o Decreto nº 7.611/2011, art. 2º, especifica que a educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização desses estudantes.

Consideram-se recursos de acessibilidade na educação aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços (Resolução CNE/CEB nº 4/2009).

A partir de 2015, a Nota Informativa nº 138 emitida pela, SETEC/MEC orienta as Instituições da Rede Federal sobre a construção dos Planos Estratégicos Institucionais para a Permanência e Êxito dos Estudantes em cumprimento das determinações do Acórdão nº 506, de 2013, TCU – Plenário. O IFPB tem correspondido a tal perspectiva instituído comissão interna, elaborou diagnóstico quantitativo, qualitativo e o plano estratégico por Campus, atualmente visa à consolidação do plano estratégico e o monitoramento e avaliação das ações.

No âmbito do IFPB – Campus João Pessoa, em atendimento ao Ofício – Circular nº 77/2015 do SETEC/MEC foi instituída Comissão incumbida de promover estudos sobre processos de acesso, permanência, retenção e evasão de discentes, através da Portaria 397 – DG/JP/2015. Nessa perspectiva, a revisão curricular, incorpora o item do Plano de Permanência e Êxito pensado conforme a realidade dos Cursos Técnicos ofertados pelo Campus João Pessoa.

Além dos marcos legal da política educacional vigente, a proposta pedagógica almejada para os Cursos Técnicos Subsequentes ao Ensino Médio no IFPB, Campus João Pessoa está respaldada no paradigma da educação inclusiva como um direito básico cidadão que qualifica a vida das pessoas na sociedade, na concepção de direitos humanos, conjugando igualdade e diferença como valores indissociáveis. Na perspectiva da universalização do acesso, permanência e êxito de todos os estudantes na educação escolar, com qualidade pedagógica e social.

Na elaboração dos Planos Pedagógicos dos Cursos Técnicos Subsequentes ao Ensino Médio refletiu-se criticamente sobre as formas de organização do trabalho pedagógico da sala de aula e da instituição, no sentido de evoluir em direção às concepções avançadas de educação e de participação social da juventude. A ampliação do acesso ao Ensino Médio nas

escolas públicas trouxe um contingente de jovens de diversas camadas sociais, conceitualmente, são novas e diferentes juventudes - marcadas por desigualdades sociais, diversidades de grupos sociais, emprego e educação - que demandam novos procedimentos para promover a permanência e êxito, isto é, evitar a evasão e retenção (EMI/EMEC-2009, p. 7) .

Mantoan (2003, p. 16-17) afirma que a inclusão questiona as políticas, a organização da educação e o próprio conceito de integração, implica uma mudança de perspectiva educacional, ao atingir todos, estudantes com deficiência, os que apresentam dificuldades de aprender e todos os demais, para que obtenham sucesso na trajetória educativa geral. Nessa perspectiva, a inclusão, é uma provocação, para melhorar a qualidade da educação das instituições, atingindo todos os estudantes que fracassam em suas salas de aula.

Freitas (2014, p. 1087) destaca que há uma disputa pelo campo da organização do trabalho pedagógico da escola feita com vigor pelo *novo tecnicismo* que introduz tecnologias, pela implantação das avaliações externas à escola seguidas de processos de responsabilização, no sentido de alavancar o aumento das médias de desempenho dos estudantes nas avaliações nacionais e nos exames internacionais. Nesse contexto, a elevação de médias de desempenho dos estudantes passou a ser referência de educação de qualidade, principalmente com a ajuda da mídia.

A manutenção dessa centralidade da avaliação padroniza, controla a cultura escolar, ajusta a sala de aula ao padrão básico de instrução – convencional verbalista, restrita às funções sociais de exclusão e subordinação dos estudantes, modulando as demais categorias: objetivo, conteúdo e métodos. As matrizes de referência dos exames nacionais travam o desenvolvimento de uma matriz de formação integral da juventude, restringindo a escola à matriz clássica, centrada na dimensão do conhecimento. Na perspectiva da concepção neoliberal¹ e meritocrática, a categoria da avaliação influencia na possibilidade individual e coletiva da participação social da juventude (FREITAS, 2014, p. 1089).

Nessa lógica, a relação pobreza e baixa aprendizagem, acesso e direito a aprender ocultam as raízes sociais das desigualdades acadêmicas, centrando na escola desconsidera-se que para garantir o direito de aprender o básico, não depende apenas do esforço individual. Ao se tratar da Educação Profissional e Tecnológica, essa aprendizagem do básico tem referência forte nos processos produtivos, cuja ênfase recai nas áreas do conhecimento que

¹ Na teoria Neoliberal, ideias políticas e econômicas capitalistas que defendem a não participação do estado na economia, a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança, com atribuições estratégicas marcadas pela influência dos poderes internacionais em nosso país (MARRACH, 1996, p. 46), reforçando tal doutrina e princípios da livre iniciativa.

atendem às necessidades prioritárias de leituras, matemática e ciências. Então, aprender esse básico, sem o qual os estudantes não conseguem atingir a base profissional e tecnológica curricular, tem se constituído um entrave na sua trajetória educacional.

Diante dessa dificuldade é atribuída aos estudantes a culpabilidade, caracterizando como justas as diferenças de desempenho acadêmico obtido pelo mérito de aproveitar ou não a oportunidade de acesso.

Para superar a lógica da padronização e controle da cultura avaliativa, o planejamento pedagógico de revisão curricular criou um movimento no Campus João Pessoa de problematização do currículo técnico em efetivação e da própria matriz de avaliação, apropriando-se de seus problemas, refletindo e reorganizando os processos didático-pedagógico com vistas a assumir o processo avaliativo, como importante mecanismo de permanência e êxito dos estudantes ingressos.

Esse movimento para construção de alternativas de inclusão fundamenta-se no direito à aprendizagem, enquanto política pública, pressupondo formação integrada e nova matriz de avaliação construída de forma participativa, comprometida com a formação integral da juventude. Priorizando-se garantir o atendimento educacional especializado para as pessoas com necessidades específicas e suprir conhecimentos básicos não consolidados no ensino fundamental.

A responsabilidade pela permanência e êxito não cabe apenas aos estudantes de forma unilateral, demanda empenho e trabalho coletivo de todos os agentes envolvidos mediante uma política de acolhimento contínuo permanente.

5. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Como está conceituado no artigo 6º da Resolução CNE/CEB Nº 02/ 2012 das DCN para o Ensino Médio, o Currículo expressa um projeto de sociedade e de formação humana que a ele se articula:

Art. 6º O currículo é conceituado como a proposta de ação educativa constituída pela seleção de conhecimentos construídos pela sociedade, expressando-se por práticas escolares que se desdobram em torno de conhecimentos relevantes e pertinentes, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes e contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades e condições cognitivas e sócio-afetivas. (BRASIL, 2012, p. 2)

A matriz curricular do curso busca a interação pedagógica no sentido de compreender como o processo produtivo (prática) está intrinsecamente vinculado aos fundamentos científico-tecnológicos (teoria), propiciando ao educando uma formação plena, que possibilite o aprimoramento da sua leitura do mundo, fornecendo-lhes a ferramenta adequada para aperfeiçoar a sua atuação como cidadão de direitos. A organização curricular da Educação Profissional e Tecnológica, por eixo tecnológico, fundamenta-se na identificação das tecnologias que se encontram na base de uma dada formação profissional e dos arranjos lógicos por elas constituídos. (Parecer CNE/CEB nº 11/2012, p. 13).

O Curso Técnico em Instrumento Musical está estruturado em regime semestral, no período de 04 (quatro) semestres letivos, sem saídas intermediárias, sendo desenvolvido em aulas de 50 (cinquenta) minutos, no turno vespertino, totalizando 891 (oitocentas e noventa e uma) horas obrigatórias, acrescidas de 200 (duzentas) horas referentes ao estágio opcional.

Em observância ao CNCT (2016), atualizado pela Resolução CNE/CEB nº 1/2014, a organização curricular dos cursos técnicos deve abordar estudos sobre ética, raciocínio lógico, empreendedorismo, normas técnicas e de segurança, redação de documentos técnicos, educação ambiental, formando profissionais que trabalhem em equipes com iniciativa, criatividade e sociabilidade.

Considerando que a atualização do currículo consiste em elemento fundamental para a manutenção da oferta do curso ajustado às demandas do mundo do trabalho e da sociedade, os componentes curriculares, inclusive as referências bibliográficas, deverão ser periodicamente revisados pelos docentes e assessorados pelas equipes pedagógicas, resguardado o perfil profissional de conclusão. Desta forma, o currículo do Curso Técnico em Instrumento Musical passará por avaliação, pelo menos, a cada 02 (dois) anos, pautando-se na observação do contexto da sociedade e respeitando-se o princípio da educação para a cidadania.

6. METODOLOGIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PREVISTAS

O Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Instrumento Musical, com base nas DCN, assume os seguintes princípios orientadores das suas práticas: a interdisciplinaridade, a contextualização, a relação teoria e prática, a pesquisa e o trabalho como princípio educativo.

A interdisciplinaridade é caracterizada como uma interligação das disciplinas, estabelecendo uma relação de interdependência entre os componentes curriculares da formação geral e da formação profissional. Para Piaget (1981), a interdisciplinaridade é uma interação entre as ciências, que deveria conduzir à transdisciplinaridade².

A contextualização, no processo ensino-aprendizagem, assegura mecanismos propícios à construção de significados, visto que agrega aprendizagens que têm sentido para os estudantes, como a sua realidade e a do mundo do trabalho. Isto significa vincular processos educativos a processos sociais. A contextualização exige dar centralidade à relação teoria e prática, integrar áreas de conhecimento (MACHADO, 2009).

A articulação teoria e prática favorece a compreensão das dimensões social e humana de uma mesma realidade. A pesquisa também funciona como princípio pedagógico, como busca ativa de conhecimentos e técnicas apropriadas às situações reais e de construção da autonomia intelectual dos estudantes. Isto significa professor e estudante praticarem a docência e a aprendizagem a partir de uma postura investigativa.

O trabalho, tomado nas práticas integradoras como princípio educativo, no seu sentido ontológico, possibilita a compreensão da relação dos seres humanos com a natureza, com a produção e reprodução da sua existência, para além da dimensão econômica.

Além desses princípios, uma das premissas para o pleno desenvolvimento do currículo é o planejamento coletivo, que favorece a realização de atividades integradoras do conhecimento. Nesse sentido, poderão ser desenvolvidas diversas estratégias metodológicas, com vistas à materialização das práticas coletivas, que contemplem a articulação entre os componentes curriculares das diversas disciplinas que compõem o currículo do Curso Técnico em Instrumento Musical.

Outra estratégia de extrema importância para o pleno desenvolvimento dos estudantes é a prática profissional, pois proporciona o contato do estudante com a atividade prática da profissão durante o curso, possibilitando articulá-la com os conhecimentos

² Etapa posterior e mais integradora que a interdisciplinaridade, que seria uma forma de chegar à transdisciplinaridade. Ver Piaget (1981).

teóricos desenvolvidos em sala de aula. Pode ser desenvolvida, em ambientes de ensino, visitas técnicas, pesquisas ou estudo de caso.

Também o **projeto interdisciplinar**, para a integração dos diversos componentes curriculares e campos do conhecimento, pode partir de um tema, preferencialmente de interesse dos estudantes e, sob diferentes pontos de vista, utilizar-se do conhecimento para resolver um problema ou compreender um determinado fenômeno.

E ainda, o **tema gerador**, que, segundo Moraes (2016), consistem em atividades pedagógicas, as quais poderão ser utilizadas temáticas que promovam o contato do estudante com situações reais. Todas essas estratégias são tentativas para o desenvolvimento do currículo menos compartmentalizado e mais alinhado com o perfil profissional do curso.

Como forma de promover a cultura de registro e de disseminação das experiências exitosas na Instituição, durante o período letivo, podem ser organizados momentos em que as produções acadêmicas resultantes das práticas integradoras sejam compartilhadas. Isto pode se constituir também como momento de avaliação das competências, definidas no perfil de conclusão do curso.

Assim, a possibilidade de êxito e efetivação dessas ações pedagógicas implica o comprometimento dos sujeitos envolvidos nesse processo educativo, em vista disso, é fundamental que sejam realizadas reuniões sistemáticas para o planejamento dessas ações; as atividades estejam explicitadas nos planos de ensino de todas as disciplinas envolvidas, bem como os resultados práticos e objetivos propostos. Outrossim, pressupõe-se uma reorganização dos espaços e tempos do Instituto para favorecer essa integração.

6.1 Flexibilização Curricular

No contexto da educação inclusiva, as instituições de ensino, necessitam criar oportunidades e experiências organizadas pedagogicamente que visem atender a diversidade do conjunto dos estudantes, inclusive daqueles que apresentem algum tipo de dificuldade no decorrer do processo de ensino e aprendizagem.

A partir da Declaração de Salamanca (1994) surge como nova a proposta de interpretação de acesso aos conhecimentos a partir das diferenças individuais - a flexibilidade curricular - relacionada ao significado prático e instrumental dos conteúdos básicos.

Nessa perspectiva, pode-se entender a flexibilização e/ou adaptação como a “resposta educativa” que é dada pela escola para satisfazer as necessidades educacionais dos

estudantes ou ainda de um grupo de estudantes, dentro da sala de aula comum, na medida em que o que se faz ou deve-se fazer são ajustamentos, adequações do currículo existente às necessidades desses estudantes (GARCIA, 2007, p. 16). Tais respostas educativas, dadas pelo sistema educacional, além do atendimento especializado, precisa favorecer o acesso ao currículo e à participação integral de forma a beneficiar os demais estudantes (BRASIL, 2000, p. 8-15).

No âmbito legal ou normativo, a Resolução CNE/CEB nº 02/2001, item III e VIII do Art. 8º estabelecem que as escolas da rede regular de ensino precisam prever e prover suporte para:

III – flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados, processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola, respeitada a frequência obrigatória;

[...]

VIII – temporalidade flexível do ano letivo, para atender às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência mental ou com graves deficiências múltiplas, de forma que possam concluir em tempo maior o currículo previsto para a série/etapa escolar [...]; (BRASIL, 2001).

Flexibilizar, adaptar, adequar, diferenciar, diversificar ou qualquer outro termo que venha ser acrescentado para que estudantes com deficiência obtenham êxito ao serem incluídos na escola regular, seja nos aspectos metodológicos, de recursos e avaliativos, não pode significar simplificação do currículo, mas garantia que as necessidades desses, sejam atendidas em nível de igualdade com os demais companheiros da sala de aula. (LOPES, 2010, p. 45).

Promover adequações não implica reduzir ou eliminar aspectos dos conteúdos e dos objetivos curriculares, mas ajustá-los às condições de aprendizagem do estudante, uma possibilidade de reestruturação (BRASIL, 2001; FERREIRA, 2003; PLETSCHT, 2005). “[...] adaptar não é recortar conteúdos, porque o que recortamos são possibilidades para o futuro” (PASTOR; TORRES, 1988, p. 105)

Considerando o que estabelece a Resolução CNE/CEB nº 02/2001 e a literatura sobre a inclusão educacional de pessoas com deficiências, as adequações curriculares podem ocorrer pela competência e atribuição das instâncias político-administrativas e dos sistemas de ensino (grande porte) e pela competência específica dos professores, modificações de pequeno porte restrito aos ajustes no contexto da sala de aula.

São possíveis de ajustes, adaptações e/ou flexibilizações em sala de aula: acesso ao currículo, objetivo; conteúdos; métodos de ensino e organização didática; materiais; avaliação, espaço físico e adaptação de temporalidade, assim afirma a publicação do MEC/SEESP (2000)- *Projeto Escola Viva (...) Adaptações curriculares de grande porte.*

A Resolução CNE/CEB nº 02/2001, define, em seu artigo 3º que os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e dêem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva.

Nessa perspectiva, os Cursos Técnicos Subsequentes ao Ensino Médio do IFPB - Campus João Pessoa contam com o suporte de duas coordenações específicas: Coordenação de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (COAPNE) e Coordenação de Libras. Estas coordenações compõem uma equipe multiprofissional, geralmente, das áreas de psicopedagogia, pedagogia, Educação Especial (professor/a, intérprete, cuidador/a, leitor/a, brailista) e alfabetização (professor/a) que assumem atribuições específicas:

- Psicopedagoga – acolhimento (entrevista e anamnese); direcionamento, quando necessário, para ser acompanhado pelos profissionais do COAPNE; acompanhamento constante com o/a estudante, professor/a, e setores da Instituição.
- Pedagoga – auxiliar o trabalho pedagógico, elaborar e desenvolver projetos educacionais; fomentar a capacitação continuada em serviço; propor medidas que minimizem dificuldades no processo ensino e aprendizagem; participação dos processos pedagógicos.
- Professores de AEE – Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos/as estudantes; elaborar e executar plano de AEE, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade; Organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais; Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade.
- Intérpretes – traduzir e interpretar artigos, livros, textos diversos de um idioma para o outro; traduzir e interpretar palavras, conversações, narrativas, palestras, atividades didático-pedagógicas em um outro idioma reproduzindo Libras ou na modalidade oral da Língua Portuguesa o pensamento e intenção do emissor. Assessorar atividades de ensino, pesquisa e extensão.

- Alfabetizadores – suporte no letramento (leitura, escrita e interpretação); interpretação de gêneros textuais e argumentação; produção textual; suporte nas operações matemáticas; desenvolvimento de ações junto ao/a professor/a do ensino regular; adaptar conteúdos ao EJA.
- Cuidadores – auxiliar estudantes cadeirantes em relação a acessibilidade física, utilizando carro escalador em ambientes que não dispõem de elevadores; acompanhamento nas dependências do Instituto, encaminhamento junto ao gabinete médico, banheiro, coordenações. Realiza-se ainda o feedback entre os/as estudantes com os demais colaboradores/as da COAPNE, e demais professores/as do ensino regular.
- Ledores – Mediação pedagógica, auxílio para leitura, escrita e interpretação textual; suporte para revisão de conteúdos programáticos; desenvolvimento de ações junto aos(as) professores(as), coordenações, psicopedagogas e departamentos; adaptar conteúdos ao EJA.
- Brailista – Transcrição de matérias em braile; Ensino de braile para estudantes cegos; adaptação de materiais em braile; curso de braile para comunidade, interna e externa do IFPB; Biblioteca Acessível: transcrição de livros para a biblioteca do IFPB; assessoramento nas atividades de ensino, pesquisa e extensão de docentes e discentes.

O processo educacional inclusivo, pautado também na legalidade, exige das instituições educacionais incluir os diferentes com suas peculiaridades emocionais, sociais, psíquicas e físicas, mesmo diante de várias fragilidades e necessidades institucionais em face desse desafio. Além disso, implica intervenção na qualificação dos profissionais, mudança nas consciências e posturas profissionais; flexibilização curricular e suporte técnico e pedagógico requeridos para que de fato ocorra a inclusão.

7. PRÁTICAS PROFISSIONAIS

As práticas profissionais integram o currículo do curso, contribuindo para que a relação teoria-prática e sua dimensão dialógica estejam presentes em todo o percurso formativo. São momentos estratégicos do curso em que o estudante constrói conhecimentos e experiências por meio do contato com a realidade cotidiana das decisões. É um momento ímpar de conhecer e praticar in loco o que está aprendendo no ambiente escolar. Caracteriza-se pelo efetivo envolvimento do sujeito com o dia a dia das decisões e tarefas que permeiam a atividade profissional.

O desenvolvimento da prática profissional ocorrerá de forma articulada possibilitando a integração entre os diferentes componentes curriculares. Por não estar desvinculada da teoria, a prática profissional constitui e organiza o currículo sendo desenvolvida ao longo do curso por meio de atividades tais como:

- I. Estudo de caso;
- II. Conhecimento do mercado e das empresas;
- III. Pesquisas individuais e em equipe;
- IV. Projetos;
- V. Exercícios profissionais efetivos.

Considera-se que na educação profissional teoria e prática caracterizam elementos indissociáveis, acerca dos quais a contextualização possibilita a articulação de significados à ação profissional e às práticas sociais. Deste modo, a prática profissional se configura não como situações ou momentos distintos do curso, mas como uma metodologia que situa e mobiliza o aprendizado dos estudantes. Nos cursos técnicos subsequentes do IFPB, considerando a legislação pertinente e as políticas institucionais, a prática profissional, assim como o estágio curricular supervisionado (abordado a seguir) visam colaborar com a formação plena dos estudantes. A prática profissional constitui-se como elemento curricular, de modo que sua carga horária deverá ser prevista e incluída na carga horária mínima do curso; já no caso do estágio supervisionado, sua duração deverá ser acrescida ao mínimo estabelecido para o curso.

De acordo com a Resolução Nº 6/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, o currículo deve comportar, entre outros elementos obrigatórios, a prática profissional “intrínseca ao currículo, desenvolvida nos ambientes de aprendizagem”. De acordo com o Parecer

CNE/CEB nº 35/2003, a prática profissional é entendida como uma atividade simulada, controlada, em situação de laboratório, diferenciando-se do estágio profissional supervisionado que consiste numa atividade efetivada em situação real de trabalho, em que o ambiente não é controlado. No Parecer 20/2012, a prática profissional compreende “diferentes situações de vivência, aprendizagem e trabalho, como experimentos e atividades específicas em ambientes especiais, tais como laboratórios, oficinas, empresas pedagógicas, ateliês e outros”, inclusive em situações empresariais, propiciadas por organizações parceiras, em termos de “investigação sobre atividades profissionais, projetos de pesquisa e/ou intervenção, visitas técnicas; simulações; observações e outras”. Nesse sentido, a prática profissional supõe o desenvolvimento, ao longo de todo o curso, de atividades tais como: estudos de caso, conhecimento de mercado e das empresas, pesquisas individuais e em equipe, projetos, estágios e exercício profissional efetivo.

No Curso Técnico Subsequente em Instrumento Musical, a prática profissional articulará teoria e a prática, a contextualização e a integração entre os conhecimentos por intermédio de atividades, como por exemplo: visitas técnicas, simulações, recitais, projetos integradores, entre outras.

8. MATRIZ CURRICULAR

COMPONENTES CURRICULARES	1º semestre		2º semestre		3º semestre		4º semestre		Total	
	a/s	h.r.	a/s	h.r.	a/s	h.r.	a/s	h.r.	h.a.	h.r.
Instrumento Musical I	2	33							40	33
Teoria e Percepção I	3	50							60	50
Canto Coral I	2	33							40	33
Estética e Filosofia da Arte	2	33							40	33
História da Música Ocidental	3	50							60	50
Instrumento Musical II			2	33					40	33
Teoria e Percepção II				3	50				60	50
Canto Coral II				2	33				40	33
Música, Trabalho e Sociedade				2	33				40	33
História da Música Brasileira				3	50				60	50
Música, Tecnologia e Inovação				2	33				40	33
Instrumento Musical III					2	33			40	33
Teoria e Percepção III					2	33			40	33
Prática em Conjunto I					2	33			40	33
Português Literário					2	33			40	33
Harmonia Tonal					2	33			40	33
Projetos Musicais					2	33			40	33
Empreendedorismo e Produção Musical					2	33			40	33
Instrumento Musical IV							2	33	40	33
Percepção IV							2	33	40	33
Prática em Conjunto II							2	33	40	33
Língua Inglesa							2	33	40	33
Harmonia Funcional e Improvisação							2	33	40	33
Audição e Crítica							2	33	40	33
Introdução à Pedagogia do Instrumento							2	33	40	33
SUBTOTAL	12	198	14	231	14	231	14	231	1080	891
Estágio									240	200
TOTAL									1320	1091

9. REQUISITOS E FORMAS DE ACESSO

O ingresso de estudantes no Curso Técnico em Instrumento Musical, na forma subsequente ao Ensino Médio, dar-se-á através do Processo Seletivo para os Cursos Técnicos (PSCT), regulamentado por edital específico, destinado aos egressos do Ensino Médio ou equivalente, realizado semestralmente.

Todo processo seletivo é constituído tendo por base legal a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, e alterações posteriores, e o Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012, que dispõem sobre o Ingresso nas Universidades e Instituições Federais, reservando no mínimo 50% das vagas ofertadas para estudantes provenientes da Rede Pública de Ensino, abrangendo subgrupos destinados a candidatos: com renda *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário mínimo e meio); autodeclarados pretos, pardos ou indígenas; que sejam pessoas com deficiência (PcD), como definida na Lei nº 13.146, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Além disso, por critério institucional, o IFPB disponibiliza no mínimo 01 vaga para PcD independente da escola qual seja egresso.

Além da forma mencionada, o IFPB receberá discentes provenientes de escolas similares ou de outros Campi do próprio Instituto, conforme aponta o Regimento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes do IFPB de outubro de 2011, mediante:

- I - À existência da vaga;
- II - À análise curricular pela coordenação do curso;
- III - À complementação de estudos, se necessário;
- IV - À compatibilidade, de no mínimo, 75% da carga horária e conteúdos.

No caso de servidor público federal civil ou militar estudante, ou seu dependente estudante, removido ex officio, a transferência será concedida independentemente de vaga e de prazos estabelecidos.

10. CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

Poderá ser concedido, aos discentes, aproveitamento de estudos realizados em Cursos Técnicos de Nível Médio ou Cursos Superiores, havendo compatibilidade de, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) entre conteúdos dos programas dos componentes curriculares do curso de origem e as do curso pretendido, desde que a carga-horária do componente curricular do curso de origem não comprometa a somatória da carga-horária total mínima exigida para o ano letivo.

O aproveitamento de estudos deverá ser solicitado por meio de processo encaminhado à Coordenação de Curso ou ao Departamento de Educação Profissional (DEP) do campus em até 45 (quarenta e cinco) dias após o início do período letivo.

Os conhecimentos adquiridos de maneira não formal, relativos aos componentes curriculares que integram o currículo dos cursos técnicos, poderão ser aproveitados mediante avaliação teórico-prática. Estes conhecimentos serão validados se o discente obtiver desempenho igual ou superior a 70% (setenta por cento) da avaliação, cabendo à comissão responsável pela avaliação emitir parecer conclusivo sobre a matéria. A comissão será nomeada pela Coordenação do Curso, constituída por professores das disciplinas, respeitando o prazo estabelecido no Calendário Acadêmico.

11. CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação é elemento necessário para diagnosticar avanços e dificuldades do processo educacional, fornecendo dados que embasam o planejamento didático-pedagógico, além do redimensionamento de ações, visando ao êxito dos estudantes, na perspectiva de inclusão e emancipação. Assim, a avaliação constitui-se como um processo contínuo e permanente de análise das variáveis que interferem no processo educativo, objetivando identificar potencialidades e necessidades educacionais dos estudantes.

Desta forma, a avaliação possibilita a orientação e reorientação do processo educacional, visando ao aprofundamento dos conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e atitudes pelos estudantes. Para tanto, é necessário que o processo avaliativo seja inclusivo, considerando a formação integral dos sujeitos, devendo considerar as vulnerabilidades, o perfil do ingresso, as necessidades diversas e os diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes.

Este documento define como referência a concepção de avaliação que permeia todo o processo educativo e é parte integrante deste, cuja principal função é diagnóstica, implicando tomada de decisões (LUCKESI, 2005, p. 43), não tem fim em si mesma, nem se encerra no registro de notas. No sentido de ultrapassar o caráter excludente e de submissão ao sistema de padronização e controle que interfere nas trajetórias educativas e sociais da juventude.

Pedro Demo (1995) atribui à avaliação uma dimensão democrática, com a função principal de sustentar a aprendizagem dos estudantes, por intermédio da ação preventiva, diagnósticos constantemente atualizados e estratégias que favoreçam a evolução positiva destes.

Dentre as funções assumidas pela avaliação, a função diagnóstica permite identificar as fragilidades do processo educacional, subsidiando ações para redimensionamento da prática educativa. A avaliação formativa, por sua vez, é realizada ao longo do processo, possibilitando aos envolvidos situarem suas práticas e redimensioná-las, caso haja necessidade. Na prática avaliativa essas funções se complementam.

A avaliação do desempenho dos estudantes precisa ser contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais, com a obrigatoriedade de estudos de recuperação, para sanar as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, regulamentados

pela instituição de ensino, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nº 9.394/96).

Essa perspectiva da avaliação contínua pressupõe estudos de recuperação, também, contínuos, a partir da definição, pelos professores, de estratégias didáticas que proporcionem a pro-atividade dos estudantes, ou seja, o planejamento de situações de ensino e aprendizagem que favoreçam aos estudantes superarem individualmente e cooperativamente suas dificuldades, obstáculos e erros, assim apropriando-se de fato dos conhecimentos.

No binômio currículo-relações em classe, destaca-se a responsabilidade dos professores nessa definição das estratégias, levando em conta: tamanho do grupo, diversidade sociocultural, conhecimentos prévios, motivações, reações dos estudantes, disponibilidade de recursos, organização física do espaço didático, proposta pedagógica/curricular, tipo de avaliação (KRASILCHIK, 2016, p. 165-166).

Partindo dessa concepção e em consonância com a Política de Desenvolvimento Institucional, faz-se necessário a promoção de espaços didáticos que possibilitem a realização de práticas avaliativas diversificadas, a partir da utilização de variados instrumentos (debates, visitas de campo, exercícios, provas, trabalhos teórico-práticos realizados individualmente ou em grupos, projetos, relatórios, seminários, etc.), de modo a superar a fragmentação e a compartmentalização do conhecimento, permitindo aos estudantes interpretar as múltiplas perspectivas de mundo.

Nesses espaços didáticos, o professor trabalha com três dimensões da avaliação – aprendizagem, comportamento e valores – envolvendo processos formais e informais. Os processos formais, provas, testes, trabalhos, etc. são perpassados pelos processos informais, caracterizados por juízos de valores sobre o comportamento dos estudantes ou sobre seu desempenho, expressos em comentários públicos ou dirigidos especificamente aos estudantes (FREITAS, 2014).

Além disso, é preciso que o professor mantenha uma elevada expectativa em relação à capacidade de progredir dos estudantes e que persista na busca constante de meios para ajudá-los a vencer os obstáculos escolares. (MANTOAN, 2003, p. 39)

Freitas assinala que a escola não pode se transformar em um local aversivo para quem tem problemas de aprendizagem ou não se ajusta à cultura escolar oficial, independentemente de boas intenções. Nesse sentido, uma das diretrizes dos PPCs dos Cursos Técnicos é a não expressão, nas relações educacionais, de juízo de valor que estigmatize autoimagem negativa, considerando que esta constitui-se em poderoso

instrumento desmotivador, mantendo relação com a própria identidade cultural do estudante, perpassando para a relação entre os próprios estudantes.

Para que a Instituição se proponha inclusiva de fato, na perspectiva de permanência e êxito dos estudantes, os estudos de recuperação precisam coadunar com a superação do erro e das dificuldades de aprendizagem identificadas. Para tanto, são necessárias atividades planejadas que superem o plano individual do erro e possibilitem o desenvolvimento de “solidariedade” e “cooperação” entre o grupo/classe.

A recomendação são as experiências de trabalho coletivo, em grupos pequenos e diversificados, escolha de tarefas com a participação de estudantes, divisão e o compartilhamento das responsabilidades com seus pares (MANTOAN, 2003, p. 41), que precisam ser comunicados dos seus desempenhos, bem como a discussão sobre esses resultados na sala de aula.

11.1 Avaliação da Aprendizagem

A avaliação da aprendizagem ocorrerá por meio de instrumentos próprios, buscando identificar o grau de progresso do discente em processo de aquisição de conhecimento. Realizar-se-á por meio da promoção de situações de aprendizagem e da utilização dos diversos instrumentos que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento/competências e o desenvolvimento do discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras, dialógicas, atitudinais e culturais.

O processo de avaliação de cada disciplina, assim como os instrumentos e procedimentos de verificação de aprendizagem, deverão ser planejados e informados, de forma expressa e clara, ao discente no início de cada período letivo, considerando possíveis ajustes ao longo do ano, caso necessário.

No processo de avaliação da aprendizagem deverão ser utilizados diversos instrumentos, tais como debates, visitas de campo, exercícios, provas, trabalhos teórico-práticos aplicados individualmente ou em grupos, projetos, relatórios, seminários, que possibilitem a análise do desempenho do discente no processo de ensino-aprendizagem.

Os resultados das avaliações deverão ser expressos em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando-se os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal.

A avaliação do desempenho escolar definirá a progressão regular por semestre. Serão considerados critérios de avaliação do desempenho escolar:

- I – Domínio de conhecimentos (utilização de conhecimentos na resolução de problemas; transferência de conhecimentos; análise e interpretação de diferentes situações-problema);
- II – Participação (interesse, comprometimento e atenção aos temas discutidos nas aulas; estudos de recuperação; formulação e/ou resposta a questionamentos orais; cumprimento das atividades individuais e em grupo, internas e externas à sala de aula);
- III – Criatividade (indicador que poderá ser utilizado de acordo com a peculiaridade da atividade realizada);
- IV – Autoavaliação (forma de expressão do autoconhecimento do discente acerca do processo de estudo, interação com o conhecimento, das atitudes e das facilidades e dificuldades enfrentadas, tendo por base os incisos I, II e III);
- V – Outras observações registradas pelo docente;
- VI – Análise do desenvolvimento integral do discente ao longo do semestre letivo.

As avaliações de aprendizagem deverão ser entregues aos alunos e os resultados analisados em sala de aula no prazo estabelecido pelo Regimento Didático, no sentido de informar ao discente do seu desempenho. Os professores deverão realizar, no mínimo, 02 (duas) avaliações de aprendizagem por semestre, independentemente da carga-horária da disciplina.

11.2 Avaliação Institucional

A avaliação institucional interna é realizada a partir do plano pedagógico do curso que deve ser avaliado sistematicamente, de maneira que possam analisar seus avanços e localizar aspectos que merecem reorientação, buscando soluções de caráter administrativo e pedagógico para as questões.

12. APROVAÇÃO E REPROVAÇÃO

Considerar-se-á aprovado no período letivo o discente que, ao final do semestre, obtiver média aritmética igual ou superior a 70 (setenta) em todas as disciplinas e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária por disciplina.

O discente que obtiver Média Semestral (MS) igual ou superior a 40 (quarenta) e inferior a 70 (setenta) em uma ou mais disciplinas e frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária por disciplina do período, terá direito a submeter-se a Avaliação Final em cada disciplina em prazo definido no calendário acadêmico. Será considerado aprovado, após a avaliação final, o discente que obtiver média final igual ou superior a 50 (cinquenta), calculada através da seguinte equação:

$$MF = \frac{6.MS + 4.AF}{10}$$

(MF = Média Final MS = Média Semestral AF = Avaliação Final)

Considerar-se-á reprovado por disciplina o discente que:

- I – Obtiver frequência inferior a 75% da carga horária prevista na disciplina;
- II – Obtiver média semestral menor que 40 (quarenta);
- III – Obtiver média final inferior a 50 (cinquenta), após a avaliação final.

Não haverá segunda chamada ou reposição para Avaliações Finais, exceto no caso decorrente de julgamento de processo e nos casos de licença médica, amparados pelas legislações específicas.

13. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

De acordo com a Resolução Nº 6/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, o currículo deve comportar, entre outros elementos obrigatórios, as atividades de prática profissional e de estágio profissional supervisionado:

Art. 20 § 1º [...] III – prática profissional intrínseca ao currículo, desenvolvida nos ambientes de aprendizagem; IV – estágio profissional supervisionado, em termos de prática profissional em situação real de trabalho, assumido como ato educativo da instituição educacional, quando previsto. (BRASIL, 2012)

Como visto, a prática profissional e estágio são complementares, mas têm objetivos educacionais diferentes. De acordo com o Parecer CNE/CEB nº 35/2003, a prática profissional é entendida como uma atividade simulada, controlada, em situação de laboratório, enquanto que o estágio profissional supervisionado consiste numa atividade efetivada em situação real de trabalho, em que o ambiente não é controlado, “no estágio supervisionado, o aluno é colocado diante da realidade do mundo do trabalho e chamado a enfrentar e responder a desafios inesperados e inusitados”.

No Parecer 20/2012, a prática profissional compreende “diferentes situações de vivência, aprendizagem e trabalho, como experimentos e atividades específicas em ambientes especiais, tais como laboratórios, oficinas, empresas pedagógicas, ateliês e outros”, inclusive em situações empresariais, propiciadas por organizações parceiras, em termos de “investigação sobre atividades profissionais, projetos de pesquisa e/ou intervenção, visitas técnicas; simulações; observações e outras”. Nesse sentido, a prática profissional supõe o desenvolvimento, ao longo de todo o curso, de atividades tais como: estudos de caso, conhecimento de mercado e das empresas, pesquisas individuais e em equipe, projetos, estágios e exercício profissional efetivo.

A Resolução CNE/CEB Nº 1/2004, ressalta a necessidade do planejamento integrado das atividades de práticas profissionais com as atividades de estágio profissional, sem que uma substitua a outra:

Art.12 A Instituição de ensino deverá planejar, de forma integrada, as práticas profissionais, desenvolvidas em sala ambiente, em situação de laboratórios, e as atividades de estágio profissional supervisionado, as quais deverão ser consideradas em seu conjunto, no seu projeto pedagógico, sem que uma simplesmente substitua a outra. (BRASIL, 2004)

A prática profissional constitui e organiza o currículo, incluindo, quando necessário, o estágio supervisionado realizado em empresas e outras instituições. Assim, o tempo de prática profissional deverão ser previstos e incluídos pela escola na organização curricular na carga horária mínima do curso; já no caso do estágio supervisionado, sua duração deverá ser acrescida ao mínimo estabelecido para o curso.

No Curso Técnico em Instrumento Musical, a prática profissional articulará teoria e a prática, a contextualização e a integração entre os conhecimentos por intermédio de atividades, como por exemplo: visitas técnicas, simulações, recitais, projetos integradores, entre outras.

Quanto ao estágio curricular supervisionado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9.394, de 20 dezembro de 1996, em seu Art. 82, descreve que “Os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisdição, observada a lei federal sobre a matéria”.

A atual Lei Federal 11.788, de 25 de Setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes, englobando diferentes níveis e modalidades de ensino, em seu Art. 1º e parágrafos, assim define:

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (BRASIL, 2008)

Em sintonia com a referida Lei, a Resolução CNE/CEB Nº 1/2004 que estabelece Diretrizes Nacionais para a organização e a realização de estágio de alunos da Educação Profissional, inclusive nas modalidades de Educação Especial e de Educação de Jovens e Adultos também explicita essa noção do estágio como Ato Educativo.

Buriolla (2001, p. 13) defende que “o estágio é o lócus onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida”. Na mesma perspectiva, Lima e Vasconcelos (2006, p.28) afirmam que “o estágio contribui diretamente para a construção da identidade profissional dos graduandos que, submetidos ao campo real de trabalho, internalizam suas vivências e as ressignificam”, o que nos leva a acreditar que, com o ensino médio profissionalizante, não há de ser diferente. No mesmo sentido, o Parecer Nº 35/2003 também

defende o estágio como excelente alternativa de preparação do estudante para o mundo do trabalho:

O estágio, juntamente com o estatuto da aprendizagem, deve ser entendido como uma excelente alternativa para a inserção de jovens no mundo do trabalho, sustentando uma política de educação profissional ou de preparação básica para o trabalho, na perspectiva do desenvolvimento de competências profissionais, caracterizado pela capacidade de enfrentar desafios imprevistos, não planejados e imprevisíveis, expresso pela capacidade de julgamento, decisão e intervenção diante do novo e do inusitado. (BRASIL, 2003)

Ainda pela Lei nº 11.788/2008, depreendemos que o estágio poderá ser definido como obrigatório ou não-obrigatório, conforme definição do seu PPC. O estágio obrigatório é definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma, já o estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

A autonomia Institucional, de acordo com o seu projeto pedagógico, poderá definir o estágio como obrigatório para os estudantes, nos respectivos planos de curso. Neste caso, implica a co-responsabilidade pela captação e supervisão do estágio, por parte das coordenações do curso e de estágio. Na possibilidade definição do estágio como obrigatório, faz-se necessário refletir sobre aspectos constatados em estudos, destacando a sua importância para a formação integral:

As análises empreendidas neste trabalho nos permitem constatar fortemente que o estágio supervisionado, devido às suas concepções, é forte caracterizador do eixo profissionalizante, mas acima disso é, também, um forte componente curricular capaz de como nenhum outro realmente integrar as disciplinas práticas e teóricas e promover a verdadeira experiência do discente com o mundo do trabalho que ele terá que se deparar quando nele ingressar, auxiliando-o a se posicionar criativamente e criticamente diante do sistema produtivo. Portanto, na falta ou nas falhas de operacionalização do estágio supervisionado comprometer-se-á o caráter profissionalizante e consequentemente a formação integrada.

No Curso Técnico Subsequente em Instrumento Musical, o estágio foi definido como opcional. Quando realizado, deverá ter carga horária mínima de 200 horas, acrescida à carga horária estabelecida na organização curricular do referido curso, sendo obrigatória a entrega de Relatório de Estágio Curricular (REC) em consonância com as normatizações e regulamentações vigentes.

14. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Além da possibilidade de concluir o Curso através da realização do Estágio Curricular, os discentes poderão optar pelo Trabalho de Conclusão de Curso a ser realizado nos formatos de Monografia ou Recital, sendo, prioritariamente, orientados pelo professor da habilitação instrumental a qual os(as) estudantes encontram-se vinculados(as). A apresentação do Relatório do Estágio Curricular ou TCC (Recital ou Monografia) é requisito indispensável para a conclusão do curso. Ambas modalidades (Recital ou Monografia) serão submetidas à avaliação de uma Banca Avaliadora composta por no mínimo 03 (três) docentes, tendo como presidente desta o(a) professor(a) orientador(a).

14.1. Monografia

A Monografia é definida como texto acadêmico produzido a partir de pesquisa realizada pelo(a) estudante, cuja formatação é norteada pelas normas técnicas vigentes. A orientação da Monografia será conduzida, prioritariamente, pelo docente responsável pela habilitação instrumental à qual o(a) estudante encontra-se vinculado(a), observando-se as normatizações contidas no Regimento Didático Institucional em vigor. O tema da pesquisa supradita perpassará, obrigatoriamente, o objeto musical enquanto campo epistemológico e ontológico do saber.

Elencamos abaixo os procedimentos a serem realizados durante a defesa da Monografia:

- No 1º momento o professor-orientador, presidente da banca de defesa, fará a apresentação do(a) estudante e do título da sua monografia e, em seguida, fará a apresentação dos outros membros da banca examinadora;
- No 2º momento o presidente da banca passará a palavra para o(a) estudante, que terá o tempo de 15 a 20 minutos para realizar uma apresentação geral do conteúdo da sua Monografia, podendo ou não fazer uso de recursos tecnológicos;
- No 3º momento o presidente da banca passará a palavra, sucessivamente, para os outros membros da banca, que poderão, dentro do tempo limite de 20 minutos: a) fazer uma avaliação, apresentando os aspectos positivos e negativos (se houver) do texto escrito e da apresentação oral do(a) estudante; b) dar sugestões, visando a melhora do texto escrito (se necessário); c) e formular questões ou pedir esclarecimentos por parte do estudante, seja devido ao texto escrito ou devido à apresentação oral. Quando cada um dos membros da banca encerrar sua fala, a

palavra volta para que o(s) estudante responda as arguições realizadas pela banca, dispondo de um tempo máximo de 10 minutos para responder a cada membro. Finalmente, o professor-orientador, dentro do tempo limite de 20 minutos, poderá tecer as suas considerações sobre o(a) estudante e o seu desempenho durante a realização da Monografia assim como retomar, se necessário, algum ponto mencionado pela banca que mereça maiores esclarecimentos;

- No 4º momento o presidente da banca pedirá que todos os presentes se ausentem da sala, ficando apenas com os membros da banca, que decidirão a nota final do(a) estudante e preencherão a Ata de Defesa. A banca também pode optar por sair da sala e preencher a Ata de Defesa em outro ambiente;
- No 5º momento o público será chamado de volta à sala e o presidente da banca lerá a ata de defesa, dando publicidade ao resultado final da Monografia.

Critérios para a avaliação da Monografia:

- 1) Correlação do tema estudado com o perfil do curso do estudante (pontuação máxima de 20 pontos);
- 2) Abordagem teórica do objeto de estudo, considerando o nível médio de ensino (pontuação máxima de 20 pontos);
- 3) Originalidade na abordagem da temática de trabalho (pontuação máxima de 20 pontos);
- 4) Exposição clara e lógica das ideias apresentadas no texto (pontuação máxima de 20 pontos);
- 5) Adequação do texto à norma culta da língua portuguesa (pontuação máxima de 10 pontos);
- 6) Formatação dos trabalhos de acordo com as Normas Técnicas vigentes (pontuação máxima de 10 pontos).

Critérios para a avaliação da Defesa Oral da Monografia:

- 1) Apresentação dos pontos essenciais do TCC dentro do tempo inicialmente estabelecido de 15 a 20 minutos (pontuação máxima de 20 pontos);
- 2) Clareza na exposição oral das ideias (pontuação máxima de 40 pontos);
- 3) Demonstração de domínio do conteúdo estudado, através das respostas dadas aos questionamentos feitos pelos membros da banca (pontuação máxima de 40 pontos).

Cálculo para a Nota Final do Trabalho de Conclusão de Curso - (TCC + apresentação oral)

* A nota do Trabalho Escrito (N¹), que poderá variar entre 0 e 100, terá peso 7.

* A nota da Defesa Oral (N²), que poderá variar entre 0 e 100, terá peso 3.

* O cálculo da Nota Final (NF) do TCC será obtido por meio da seguinte fórmula:

$$\underline{(N^1 \times 7) + (N^2 \times 3) = NF}$$

10

14.2 Recital de Conclusão de Curso

O processo de preparação dos estudantes para o Recital ocorre, fundamentalmente, nos componentes curriculares Instrumento I, Instrumento II, Instrumento III e Instrumento IV, objetivando processos de reflexão, contextualização e a apropriação do objeto musical e dos elementos fundamentais da música. Sua realização configura-se como desaguadouro natural do processo formativo do músico, que poderá abordar formações instrumentais, estilos e gêneros de contextos sociais, culturais e temporais diversos.

O Recital, quando escolhido, será orientado pelo(a) docente responsável pela habilitação instrumental ao qual o(a) estudante encontra-se vinculado(a), buscando refletir, desde a escolha do repertório à performance pública, a dinâmica da integração curricular vinculada aos pressupostos teóricos e práticos das tecnologias e suas inovações..

Procedimentos a serem realizados durante a Apresentação do Recital:

- No 1º momento, o professor-orientador, presidente da banca, fará a apresentação do(a) estudante responsável pelo Recital e, em seguida, fará a apresentação dos outros membros da banca examinadora;
- No 2º momento, o presidente da banca concederá ao (à) estudante um tempo estimado de 35 a 50 minutos para realização do seu recital;
- No 3º momento, o presidente da banca pedirá que todos os presentes se ausentem da sala/auditório, ficando apenas com os membros da banca, que decidirão a nota final do (a) estudante e preencherão a Ata de Defesa. A banca pode optar por sair do local e preencher a Ata de Defesa em outro ambiente;
- No 4º momento, o público será chamado de volta à sala e o presidente da banca lerá a ata de defesa, dando publicidade ao resultado final do Recital.

Critérios para a avaliação do Recital:

1) Postura de Palco: relação com o instrumento, relação/interação com o grupo (se houver) e relação com o público (pontuação máxima de 30 pontos);

- 2) Interpretação das músicas: variedade de estilos e gêneros, articulações harmônicas, rítmicas e melódicas (pontuação máxima de 30 pontos);
- 3) Outros parâmetros técnico-musicais: sonoridade, timbre, dinâmica, afinação etc. (pontuação máxima de 40 pontos);

15. CERTIFICADOS E DIPLOMAS

O discente que concluir todas as disciplinas do curso e estágio supervisionado ou Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia ou Recital) obterá o Diploma de Técnico de Nível Médio na habilitação profissional cursada.

Para tanto, deverá o discente, junto ao setor de protocolo do *campus*, preencher formulário de requerimento de diplomação, dirigido a Coordenação do Curso, anexando photocópias dos seguintes documentos:

- Histórico do ensino fundamental e médio;
- Certidão de Nascimento ou Certidão de Casamento;
- Documento de Identidade;
- CPF;
- Título de eleitor e certidão de quitação com a Justiça Eleitoral;
- Carteira de Reservista ou Certificado de Dispensa de Incorporação (para o gênero masculino, a partir de dezoito anos).

Todas as cópias de documentos deverão ser apresentadas juntamente com os originais ou autenticadas em cartório na Coordenação de Controle Acadêmico (CCA) para comprovação da devida autenticidade.

O histórico escolar indicará os conhecimentos definidos no perfil de conclusão do curso, estabelecido neste plano pedagógico de curso, em conformidade com o CNCT (2016), atualizado pela Resolução CNE/CEB nº 1/2014.

16. PLANO DE AÇÕES DE PERMANÊNCIA E ÉXITO

A expansão e a interiorização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica têm proporcionado, desde 2006, a ampliação física e a democratização da oferta de vagas. Com isso, para fortalecer a ação educacional, torna-se necessário um olhar sobre a qualidade do ensino, a permanência e o êxito dos estudantes no processo educativo.

Ao tratar-se da relação entre educação e sociedade, inevitavelmente depara-se com algumas questões conflitantes, dentre elas, a retenção e a evasão merecem destaque, da educação básica à educação superior.

Admitir a educação como direito fundamental não é suficiente, sendo necessário concretizar e promover ações que permitam essa garantia. Nesse sentido, tanto a Constituição Federal de 1988 quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 estabelecem princípios relacionados diretamente ao êxito dos estudantes que são: a igualdade de condição para o acesso e permanência na escola, a garantia do padrão de qualidade, a valorização do profissional da educação escolar e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais (BRASIL, 2014).

No caso dos Institutos Federais – IFs, para além de promover a expansão, o incremento do número de vagas, a ampliação das ações afirmativas, faz-se necessária a adoção de medidas que promovam a permanência e o êxito dos estudantes e a inserção socioprofissional dos egressos. Ademais, a problemática da evasão e retenção na educação profissional e tecnológica tornou-se recentemente alvo de pesquisas e intervenções.

Segundo Dore et al (2014, p. 388), a evasão escolar é compreendida como um fenômeno complexo, com multivariáveis e multicausal, vinculada a fatores pessoais, sociais e institucionais, que podem resultar na saída provisória ou definitiva dos estudantes do sistema de ensino. Ou seja, as variáveis envolvidas na produção da evasão são tão complexas que a análise de causa e efeito torna-se frágil para explicar tal fenômeno.

De acordo com Dore e Luscher (2011), as causas da evasão são multifatoriais, ou seja, as relações entre escola, família, comunidade e mundo do trabalho são enunciadores de evasão escolar. O momento de decisão de sair de escola é consequência de uma trajetória de exclusões e fracasso que tem como resultado a evasão. Nesse percurso, os estudantes apresentam sinais e comportamentos de risco, sendo essencial o acompanhamento do gestor do curso e das equipes multiprofissionais.

Entender a evasão e a retenção como fenômenos que envolvem fatores multidimensionais (culturais, sociais, institucionais e individuais), e relacionar esse entendimento à complexidade da Rede Federal no cumprimento da sua função social,

implica em articular ações que deem conta do atendimento a um público diversificado que, em sua maioria, é socioeconomicamente vulnerável e egresso de sistemas públicos de ensino em regiões com baixo índice de desenvolvimento educacional (BRASIL, 2014).

No que tange ao entendimento dos fenômenos de evasão e retenção no âmbito da Rede Federal e efetivação de medidas para o seu enfrentamento, foi composto um grupo de trabalho com representantes da SETEC/MEC, com o propósito de sistematizar um Documento Orientador para a Superação da Evasão e Retenção (Brasil, 2014). Tal documento foi elaborado em resposta ao Acórdão nº 506, de 2013, do Tribunal de Contas da União (TCU), que na época, orientava que se instituísse, em conjunto com os Institutos Federais, plano institucional voltado para a superação da evasão e da retenção, dentre outras ações.

Esse Documento Orientador apresenta subsídios para o planejamento de ações ao enfrentamento desses fenômenos, e tem o propósito de orientar o desenvolvimento de ações capazes de ampliar as possibilidades de permanência e êxito dos estudantes no processo formativo, respeitadas as especificidades de cada região e território de atuação (BRASIL, 2014). Ainda, de acordo com esse documento, com base em Dore (2013),

a escolha de abandonar ou permanecer na escola é fortemente condicionada por características individuais, por fatores sociais e familiares, por características do sistema escolar e pelo grau de atração que outras modalidades de socialização, fora do ambiente escolar, exercem sobre os estudantes. (DORE, 2013, p. 5)

De modo a categorizar as causas da evasão e da retenção para o plano estratégico de intervenção e monitoramento, organizam-se os seguintes fatores ou categorias motivadoras da evasão e da retenção, estes adaptados às especificidades da contemporaneidade e das instituições de educação da Rede Federal:

- a) **Fatores individuais:** destacam aspectos peculiares às características do estudante;
- b) **Fatores internos às instituições:** são problemas relacionados à infraestrutura, ao currículo, à gestão administrativa e didático-pedagógica, bem como outros fatores que desmotivam e conduzem o estudante a evadir do curso;
- c) **Fatores externos às instituições:** relacionam-se às dificuldades financeiras do estudante de permanecer no curso e às questões inerentes à futura profissão (BRASIL, 2014).

No IFPB, as políticas institucionais, visando à consecução dos princípios educacionais estabelecidos em sua Missão Institucional, definem como um dos seus objetivos minimizar a evasão e retenção dos estudantes e aumentar o número de egressos,

apresenta como proposta duas estratégias: 3. Desenvolvimento de um projeto institucional de enfrentamento à evasão e retenção de estudantes; e 9. Desenvolver estudos para detectar as causas da evasão e definir estratégias no sentido de combatê-la. Outras estratégias também igualmente importantes e que acompanham essas ações perpassam pela ampliação dos programas de assistência estudantil, bolsas de monitoria, e acompanhamento da equipe multidisciplinar no apoio pedagógico e psicossocial (PDI/ IFPB, 2015 – 2019, p. 76).

Em 2015, a SETEC/MEC emitiu Nota Informativa n. 138, regulamentando a proposta metodológica, englobando a instituição de comissão interna, elaboração de diagnóstico quantitativo e qualitativo, consolidação do plano estratégico e monitoramento e avaliação das ações.

Após avaliação diagnóstica realizada no Campus João Pessoa, tendo como respondentes docentes, gestores e estudantes, foi estruturado o “Plano de Ação: Estratégia de Intervenção e Monitoramento de Desempenho”.

A proposta de elaboração do Plano de Ação para Permanência e Êxito dos estudantes do Curso Técnico em Instrumento Musical vincula-se às várias dimensões do trabalho pedagógico, considerando o referido Plano de Ação do Campus João Pessoa, e os resultados de diagnósticos e discussões realizadas no âmbito da Comissão de Revisão do Projeto Pedagógico deste curso.

Por fim, para acompanhamento, monitoramento e avaliação anual do referido “Plano de Ação para Permanência e Êxito dos Estudantes” para superação da evasão e da retenção, elege-se a Comissão do Curso Técnico em Instrumento Musical, com representação de docentes, equipe pedagógica e estudantes.

COMISSÃO DE REVISÃO E ATUALIZAÇÃO DO PPC DO CURSO TÉCNICO EM INSTRUMENTO MUSICAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO, CAMPUS JOÃO PESSOA

Comissão de Acompanhamento: Maria Suely Paula da Silva; Danilo Cardoso de Andrade; Simone Fernandes da Silva; Adriano Caçula Mendes e Vinicius de Lucena Fernandes.

PLANO DE AÇÃO – PERMANÊNCIA E ÉXITO		
Fatores	Estratégia de intervenção	Responsável
1. Pouca/Falta de informação sobre o curso	1.1. Vídeo Institucional informativo sobre as especificidades do curso (Exibição como etapa obrigatória na inscrição).	Coordenação, docentes e discentes do Curso e Coordenação de Comunicação e Direção de Desenvolvimento do Ensino.
	1.2. Apresentar com maior clareza sobre o que é o curso e sobre o funcionamento da instituição.	Coordenador do Curso junto à Equipe responsável pelo acolhimento dos estudantes. De forma contínua conforme item 2.2.
2. Falta de identificação com o curso	2.1. Melhorar a divulgação do curso por meio do portal do estudante (Ações citadas acima).	Equipe de Comunicação com o auxílio da Coordenação do Curso.
	2.2. Fortalecer o acolhimento dos estudantes, iniciando na recepção dos ingressos e de forma contínua no decorrer do ano letivo.	Coordenação, docentes do curso e CAEST.
3. Pouca interação entre servidores e discentes do curso de Instrumento Musical	3.1. Realizar planejamentos bimestrais com todos servidores que atuam no curso.	DDE e DEP na garantia de tempos e espaços e realizações.
	3.2. Melhorar a interação entre a equipe nos eventos do curso.	Coordenação e docentes do Curso.
4. Pouca interação com o mundo do trabalho	4.1. Convidar profissionais da área para atividades no curso.	
	4.2. Fortalecer a vinculação entre o curso e o mundo do trabalho para que o estudante veja as possibilidades de atuação.	Coordenação e docentes do Curso e Coordenação de Estágio.
	4.3. Maior atuação da Coordenação de estágio.	
5. Déficit na leitura e escrita	5.1. Iniciar o ano letivo com uma avaliação diagnóstica para que a partir dessa informação o professor planeje sua proposta pedagógica considerando os conhecimentos consolidados pelos estudantes.	Docentes
6. Elevados índices de retenção em matemática, química e física	5.2. Estímulo à leitura e à escrita pelos demais componentes curriculares.	Docentes
	5.3. Projeto e campanhas de estímulo à leitura	Coordenação da Biblioteca e demais servidores.
	6.1. Iniciar o ano letivo com uma avaliação diagnóstica para que a partir dessa informação o professor planeje sua proposta pedagógica considerando os conhecimentos consolidados pelos estudantes.	Docentes
7. Pouco tempo disponível para aprofundamento dos estudos	6.2. Realizar capacitação específica com os docentes.	DEPAP/COPED e Coordenação de áreas
	6.3. Revisão da Matemática Básica nas primeiras aulas.	Docentes da área de Matemática.
8. Baixa efetividade no funcionamento dos Núcleos de Aprendizagem	7.1. Otimização do tempo na construção dos horários (Aulas regulares, Núcleos de Aprendizagem e Progressão Parcial), de modo que não haja choques.	Coordenação de Curso, Coordenação de Horários, Coordenação de Progressão e Coordenação de Núcleos de Aprendizagem.
9. Política de Assistência Estudantil	8.1. Elaboração de horários de acordo com a realidade do curso, evitando choques de horários.	Coordenação de Curso, Coordenação de Horários, Coordenação de Progressão e Coordenação de Núcleos de Aprendizagem.
	9.1. Melhorar o acompanhamento dos estudantes atendidos pelos programas.	DAEST/CAEST
	9.2. Atualizar o sistema acadêmico para que seja possível realizar o acompanhamento citado anteriormente.	Docentes e DDE

17. PERFIL DO CORPO DOCENTE E TÉCNICO

DOCENTE	COMPONENTES CURRICULARES	TITULAÇÃO
Adriano Caçula Mendes (1851678)	Guitarra Elétrica e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Ana Carolina da Silva Petrus (2312820)	Violino, Viola e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Cristóvam Augusto de Carvalho Sobrinho (1457007)	Violão e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Danilo Cardoso de Andrade (1921188)	Contrabaixo Acústico, Contrabaixo Elétrico e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Draylton Siqueira Silva (2579156)	Clarinete, Saxofone e demais Componentes Curriculares Técnicos	Especialista em Artes
Gilvanildo de Aquino Sena (1578079)	Trompete e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Italan Carneiro Bezerra (1929870)	Bateria e demais Componentes Curriculares Técnicos	Doutor em Música
José Alessandro Dantas Dias Novo (1738220)	Piano e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Lindberg Luiz da Silva Leandro (2085742)	Teoria Musical e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Marina Tavares Zenaide Marinho (2679745)	Violino e Viola e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Teresa Cristina Rodrigues Silva (2246260)	Violoncelo e demais Componentes Curriculares Técnicos	Doutora em Música
Vinícius de Lucena Fernandes (2074955)	Bandolim, Cavaquinho, Violão e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
Vinicio Ferreira Amaral (1692608)	Violino, Viola e demais Componentes Curriculares Técnicos	Mestre em Música
TÉCNICO	FUNÇÃO	TITULAÇÃO
Simone Fernandes da Silva (2125597)	Pedagoga	Mestre em Educação

18. BIBLIOTECA

Os Cursos do Campus João Pessoa dispõem da Biblioteca Nilo Peçanha cuja missão visa o apoio efetivo do processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na Instituição, buscando contribuir na formação intelectual e integral de seus usuários, de forma individual e/ou coletiva, subsidiando a Instituição no que se refere às necessidades informacionais dos seus usuários.

A biblioteca atende a um público diversificado, formado por professores, técnicos administrativos e estudantes dos cursos técnicos subsequentes e integrados e dos cursos de nível superior, bem como à comunidade externa para consulta local.

Com uma área de 1.098m², sua estrutura interna é formada pelos seguintes ambientes: coordenação; hall de exposições; guarda-volumes; processos técnicos; coleções especiais e assistência aos usuários; empréstimo; biblioteca virtual; sala multimídia; cabines de estudo individual e/ou em grupo; banheiros; copa; acervo geral; salão de leitura; organização e manutenção do acervo documental. É possível observar na tabela a seguir, a infraestrutura da biblioteca:

INFRAESTRUTURA	Nº	Área	Capacidade	
Disponibilização do acervo	2	318m ²	A	35000
Leitura	1	447,40m ²	B	77
Estudo individual	1	25,50m ²	B	23
Estudo em grupo	1	6,62m ²	B	16
Sala de vídeo	1	26,00m ²	B	20
Administração e processamento técnico do acervo	2	32,43m ²		
Recepção e atendimento ao usuário	1	118,05m ²		
Outras: (Banheiros)	3	54,60m ²		5
Outras: (Copa)	1	7,40 m ²		
Acesso à internet	1	25,50m ²	C	14
Acesso à base de dados	1	25,50m ²	C	14
Consulta ao acervo	1	5.10m ²	C	2
Outras: (Circulação vertical)	1	31,40 m ²		
TOTAL		1.098m²		

Legenda

Nº: quantidade de locais existentes;

Área: área total em m²;

Capacidade: (A) quantitativo de volumes disponibilizados; (B) número de assentos; (C) número de pontos de acesso.

A Biblioteca Nilo Peçanha possui um acervo diversificado (livros, obras de referência, teses, dissertações e monografias), além dos periódicos e CD-ROMs, disseminados nas seguintes áreas: Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Engenharia e Tecnologia, Ciências Sociais e Aplicadas,

Ciências Agrárias, Linguística, Letras e Artes. O acervo encontra-se localizado em dois setores, conforme quadro a seguir:

Acervo	<ul style="list-style-type: none"> • Coleções especiais – localizado no piso térreo, neste setor estão os documentos apenas para consulta (periódicos, obras de referência -dicionários, enciclopédias, anuários, guias, glossários), livros de consulta, xadrez e para empréstimo especial de 5 dias (CD-ROMs, relatórios, folhetos), como também as teses, monografias e dissertações. Estão armazenados em estantes e caixas em aço para periódicos. Neste setor, é realizada a limpeza periódica das estantes e do material bibliográfico. • Acervo geral – localizado no piso superior, onde estão disponibilizados os livros para empréstimo domiciliar, que são armazenados em estantes em aço, com livre acesso, organizados de acordo com a CDU (Classificação Decimal Universal). Neste setor, é realizada a limpeza periódica das estantes e do material bibliográfico.
Estudos Individuais	A Biblioteca Nilo Peçanha dispõe de uma sala para estudo individual com capacidade para 23 pessoas e sala de biblioteca virtual com capacidade para 12 pessoas.
Estudos em Grupo	A Biblioteca Nilo Peçanha dispõe de duas salas para estudo em grupo com capacidade para 8 pessoas.

O acervo está organizado de acordo com a tabela de Classificação Decimal Universal.

ITEM	NÚMERO	
	TÍTULOS	VOLUMES
Livros (obras de referência, trabalhos acadêmicos e o acervo em geral)	10.026	28.220
Periódicos Nacionais	225	8.553
Periódicos Estrangeiros	34	931
CD-ROMs	170	610
DVDs	114	146

A biblioteca funciona de segunda a sexta-feira de 7h30 às 22h, ininterruptamente. A reserva de livros é realizada na própria biblioteca e o acesso à base de dados (Portal de Periódicos da Capes) acontece dentro da Instituição. Para apoiar na elaboração de trabalhos acadêmicos, a Biblioteca oferece os seguintes serviços:

- Orientação técnica individual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos, com base nas Normas Técnicas de Documentação ABNT;
- Elaboração de Ficha Catalográfica em trabalhos acadêmicos (Catalogação na fonte);
- Uso de computadores e outros equipamentos para a realização de pesquisas, digitação de trabalhos e impressão de cópias, acesso ao portal de periódicos da CAPES.

18.1. Biblioteca Setorial (Instrumentoteca)

Trata-se de um ambiente responsável pelo acervo literário e conservação dos instrumentos musicais. O acervo de instrumentos do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical (Instrumentoteca) deverá operar com um sistema informatizado, possibilitando fácil controle de empréstimo. O sistema informatizado proporcionará a reserva de instrumentos cuja política de empréstimos prevê a utilização do patrimônio dentro do ambiente institucional ou em eventos institucionais supervisionados pela presença de docente vinculado ao Curso.

A Instrumentoteca do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB, *Campus João Pessoa*, poderá reunir e disseminar informações relevantes às atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação, esforçando-se para contribuir efetivamente com o processo de construção do conhecimento na área de música. Está subordinada à Coordenação do Curso, com funcionamento das 7h às 22h.

19. INFRAESTRUTURA

19.1. Instalações e Equipamentos

O Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical utiliza-se, para desenvolvimento de suas disciplinas, da infraestrutura de salas de aula do campus, equipadas com projetor de slides tipo Data Show e computador, carteiras escolares e mesa para professor. O IFPB Campus João Pessoa possui acesso à internet em todos os seus ambientes, através de rede cabeada e/ou WIFI.

19.2 Infraestrutura de Segurança

- Serviço de segurança patrimonial;
- Sistema de prevenção de incêndio: extintores, caixas de incêndio (mangueiras) e sistema de alarme;
- Sistema de câmeras de filmagem;
- EPI diversos;
- Gabinete médico dispondo de médico plantonista.

19.3. Ambientes da Coordenação do Curso

O Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical o IFPB, *Campus João Pessoa*, conta com uma área construída de, aproximadamente, 600 m² distribuídos da seguinte forma:

AMBIENTES	QTD
Salas para aulas coletivas	02
Sala para ensaios de grupos instrumentais variados	01
Salas do setor administrativo (gestão)	02
Toaletes	01
Sala de instrumentos de cordas	01
Sala de instrumento de percussão	01
Sala de instrumento de palhetas	01
Sala de instrumento de metais	01

Os ambientes possuem as seguintes descrições e equipamentos:

SALA DA COORDENAÇÃO DO CURSO	QTD
Mesa em L	02
Mesa p/ telefone	02
Aparelho de telefone	01
Gaveteiro pequeno	01
Computadores completos com duas impressoras	02
Armários	02
Condicionador de Ar	01
Lixeiras	03
Perfurador	02
Grampeadores	02
Porta durex	01
Cadeiras giratórias	02

AMBIENTE DOS PROFESSORES	QTD
Mesa redonda	01
Cadeiras pretas	05
Birô	01
Computador completo c/ impressora	02
Aparelho de telefone	01
Armários	01
Fichário	01
Luminárias c 4 lâmpadas	02
Condicionador de Ar	01
Caixa de energia	01
Grampeadores	02
Troféus	32
Lixeira	01

MUSICOTECA	QTD
Mesa em L	01
Birô	01
Mesa para computador	01
Gaveteiro	01
Armários	02
Fichário	01
Cadeiras Giratórias	03
Aparelho de telefone	01
Computadores completo	02
Lixeira	01
Suporte p/ copo	01
Condicionador de Ar	01
Luminárias c/ 4 lâmpadas	02
Extintor de incêndio	02
Grampeadores	02
Notebook	01
Fone p/ ouvidos	03
Estantes de ferro	27

Estantes de madeiras	42
Dvd	02
Aparelho de som	02
Micro system	02
Caixas amplificadas	05
Aparelhos de caixas estéreo subwoofer	02
Caixinhas p/ computador	02
Microfone	01
Suportes p/ microfones (cachimbo)	05
Pedestais	06
Data show	02
Teclado	01
Fontes p/ teclado	06
Guitarras	06
Violões	09
Violoncelo	02
Contrabaixo	04
Viola	07
Violino	10
Sax alto	08
Sax tenor	04
Sax barítono	01
Clarinetes	07
Clarone	01
Alo é	01
Requinta	01
Flautas	02
Pandeiros	03
Tambor	01
Repinique	01
Zabumba	02
Carriihões	02
Sanfonas	04
Atabaque	02
Afoxé	02
Tambores	05
Trompetes	10
Tuba	01
Flugelhorn	04
Pocket	01
Trompas	02
Bombardino	01
Conjunto c/ 4 pratos p/ bateria	01
Caixa de bateria	01
Cabos	08

SALA 06 (PIANO)	QTD
Luminárias c/ 02 lâmpadas	01
Condicionador de Ar	01
Cadeiras giratórias	02

Cadeiras brancas	03
Birô	01
Computador completo	01
Piano (Yamaha)	02
Armário	02
Lixeira	01

SALA 07 (TEORIA MUSICAL)	QTD
Condicionador de Ar	02
Televisão	01
Birô	01
Computador completo	01
Quadro branco	01
Armário	01
Mesas c/ cadeiras	40
Lixeira	01
Luminárias c/ 04 lâmpadas	02

SALA 08 (CONTRABAIXO)	QTD
Luminária c/ 02 lâmpadas	01
Condicionador de Ar	01
Mesa p/ computador	01
Computador completo	01
Mesa branca (aluno)	01
Bancos de ferro	03
Banco giratório	01
Cadeiras brancas	03
Quadro móvel	01
Armário	01
Caixa amplificada	01
Estantes de madeira	02
Baixo	01
Violoncelo	01
Tapete	01

SALA 09 (METAIS)	QTD
Luminária c/ 02 lâmpadas	01
Mesa p/ computador	01
Computador completo	01
Mesas brancas	02
Cadeiras brancas	06
Cadeiras azuis	04
Fichário	01
Armário	01
Estantes de madeira	02
Lixeira	01

SALA 10 (CORDAS)	QTD
Luminária com 04 lâmpadas	02
Condicionador de Ar	01
Birô	01
Computador completo	01
Mesa p/ aluno	01
Cadeira branca	01
Cadeira giratória	01
Quadro branco	01
Televisão	01
Mesas c/ cadeiras	20
Lixeira	01

SALA 11 (SALA DE COMPUTADORES)	QTD
Luminária c/ 12 lâmpadas	01
Condicionador de Ar	01
Mesas p/ computador	10
Computadores completos	10
Cadeiras giratórias azuis	06
Banco giratório	01
Lixeira	01

SALA 12 (AUDITÓRIO)	QTD
Luminária c/ 04 lâmpadas	02
Condicionador de Ar	02
Data show	01
Tela p/ data show	01
Birô	01
Computador completo	01
Mesa p/ computador completo	01
Armários (1 pequeno)	04
Quadro branco	01
Mesas c/ 40 cadeiras	40
Piano de madeira	01
Estante de madeira	01
Espelho grande de parede	01
Lixeira	01
Banco giratório	01
Banco p/ o piano de madeira	01

SALA 13 (BATERIA E SAXOFONE)	QTD
Luminária c/ 04 lâmpadas	02
Mesa p/ computador	01
Quadro p/ pincel c/ suporte	01
Armário	02
Mesas c/ 20 cadeiras	20

Baterias	02
Pedal	01
Estantes de madeira	06
Pedestal	01
Par de congas	01
Caixa amplificada	01
Tapete p/ bateria	01
Lixeira	01

SALA 15 (VIOLINO E VIOLA)	QTD
Luminária c/ 04 lâmpadas	01
Condicionador de Ar	01
Birô	01
Computador completo	01
Armário (01 pequeno)	02
Fichário	01
Data show	01
Tela p/ data show	01
Aparelho de som	01
Suporte p/ som	01
Estantes de madeiras	04
Cadeiras pretas	45
Lixeira	01

19.4 Condições de acesso às pessoas com necessidades específicas

A escola é reproduutora dos eventos da sociedade e cada um traz dela suas referências e representações. Acreditamos que a humanização do processo educativo e a possibilidade que cada um tem de reinventar-se são fatores primordiais para que os investimentos em recursos materiais e humanos, junto à formação continuada dos profissionais da educação, se potencializem em instrumentos úteis e eficazes na construção de uma sociedade e de uma educação, de fato, para todos.

O Decreto Nº 6.949 de 25 de agosto de 2009 estabeleceu que “pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. Essas barreiras que podem obstruir a plena participação das pessoas com deficiência são definidas pela Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, como qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com

segurança; não se limitam apenas ao campo arquitetônico, atingiram outras áreas de conhecimento, notadamente a área pedagógica.

Destarte o IFPB além de lidar com a eliminação das barreiras arquitetônicas enfrenta, também, as de caráter pedagógico e atitudinal conforme a concepção e implementação das ações previstas em seu Plano de Acessibilidade aprovado pela Resolução CS/IFPB N° 240 de 17 de dezembro de 2015, que em observância às orientações normativas, visam, dentre outras, em seu art. 2º:

I – Eliminar as barreiras arquitetônicas, urbanísticas, comunicacionais, pedagógicas e atitudinais ora existentes; [...] IV – Promover a educação inclusiva, coibindo quaisquer tipos de discriminação; [...] VIII – Assegurar a flexibilização e propostas pedagógicas diferenciadas, viabilizando a permanência na escola; IX – Estimular a formação e capacitação de profissionais especializados no atendimento às pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida e com transtorno do espectro autista. (IFPB, 2015)

O IFPB vem buscando lidar com a eliminação das barreiras que dificultam a inclusão de pessoas com deficiência através da implantação da Coordenação de Assistência às Pessoas com Necessidades Específicas (Coapne), criação de uma Coordenação de Ações Inclusivas de atuação sistêmica na Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e das ações previstas em seu Plano de Acessibilidade, além da atenção às diretrizes expressas na Lei nº 12.764/2012.

Convém ressaltar que as ações desenvolvidas no sentido de sensibilizar e conscientizar, a fim de eliminar preconceitos, estigmas e estereótipos, serão extensivas aos servidores do quadro funcional do IFPB (docentes e técnicos administrativos) como também ao pessoal terceirizado.

19.5 Coordenação de Assistência às Pessoas com Necessidades Específicas (Coapne)

O Campus João Pessoa busca ofertar ambientes que sejam acessíveis a todos, bem como possibilitar, com a utilização de tecnologias assistivas, o acesso pleno de todos os estudantes. Para o atendimento às pessoas com necessidades específicas, a Instituição dispõe de profissionais capacitados, a saber: cuidadores, ledores, tradutor e intérprete de Libras, transcritor Braille, professor de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e alfabetizador de Jovens e Adultos. Além disso, é realizado acompanhamento pedagógico e psicopedagógico específico para atender aos estudantes.

Com relação à infraestrutura, há uma Sala de Recursos Multifuncionais que é utilizada

no atendimento educacional especializado dos estudantes, com máquinas de impressora Braille, recursos ópticos, materiais pedagógicos adaptados com Braille, soroban, computadores com softwares que possibilitam o pleno acesso dos estudantes com deficiência visual, dentre outros equipamentos. Além disso, todos os editais publicados são acessíveis tanto em Braille, como em Libras com legenda e em áudio. São feitas orientações sobre as especificidades dos estudantes surdos, bem como de estudantes com outras deficiências.

Buscando atender à Lei 10.098/00 que traz no seu Capítulo IV questões sobre a acessibilidade nos edifícios públicos ou de uso coletivo, a Instituição tem buscado estratégias que possibilitem o pleno acesso de todas as pessoas nos ambientes pautadas na NBR 9050 de 11 setembro de 2015 que trata da acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, além de se basear na proposta do desenho universal que tem sido amplamente divulgado na Instituição.

20. PLANOS DE DISCIPLINAS

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Instrumento I

PERÍODO: 1º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Abordar os conhecimentos introdutórios necessários à prática interpretativa e performática, utilizando o instrumento musical como meio de expressão artística.

OBJETIVOS

- Estimular e potencializar as capacidades musicais e instrumentais do estudante e seu desenvolvimento autônomo e equilibrado;
- Conscientizar a postura corporal e o posicionamento estável do instrumento musical;
- Desenvolver a liberdade dos movimentos, o relaxamento e a eficiência motora;
- Buscar a correta movimentação dos músculos utilizados na prática instrumental;
- Compreender o sentido rítmico do repertório trabalhado;
- Orientar a busca pela qualidade sonora o respectivo instrumento musical;
- Estimular o desenvolvimento da memória musical;
- Fomentar atividades que proporcionem a sociabilidade;
- Desenvolver o gosto pela aquisição de conhecimentos que potenciem o desenvolvimento da autonomia;
- Dotar o estudante dos conhecimentos introdutórios sobre os personagens atuantes no processo histórico do instrumento musical escolhido.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O conteúdo programático de cada habilitação instrumental ofertada possui indicações autônomas.

METODOLOGIA DE ENSINO

Por meio da apreciação da compreensão, da leitura, da técnica instrumental e concepções musicais do estudante aplicados às obras trabalhadas, serão conduzidas as diretrizes e orientações cabíveis a cada estudante buscando o alcance dos objetivos elencados e um desenvolvimento instrumental/musical gradual e consciente. As orientações poderão ser expositivas, dialogadas e/ou ilustradas com recursos audiovisuais. As aulas serão, prioritariamente, em grupo, onde cada estudante apresentará os estudos, desenvolvimentos e dificuldades encontradas na interpretação de cada obra estudada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computador, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, cadeiras e mesas, violões, partitura, cadeira, estante de partitura, apoio de pé ou acessório próprio, afinador, metrônomo, apagador, lápis, caneta, papel e borracha.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

HARNONCOURT, Nikolaus. **O Discurso dos Sons: Caminhos Para Uma Nova Compreensão Musical.** Salzburg: Residenz Verlag, 1984. Trad.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

OBSERVAÇÕES

Todas as habilitações instrumentais ofertadas pelo Curso Subsequente em Instrumento Musical do IFPB, Campus João Pessoa, possuem Planos de Ensino individuais, articulados com este plano que possui caráter “genérico”.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Teoria e Percepção I

PERÍODO: 1º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 03 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 h.a. (50 h.r.)

EMENTA

Abordar os fundamentos do fenômeno musical introduzindo a escrita e percepção musical a partir do desenvolvimento da sensibilidade, afetividade através da experimentação, compreensão e valorização das diversas formas de manipulação sonora e seus aspectos criativos.

OBJETIVOS

- Promover a discussão e compreensão sobre dos signos próprios da escrita musical;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais sobre as formas de produção sonora e sua organologia;
- Habilitar o estudante a perceber e representar graficamente objetos sonoros elementares;
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprehensivo da manipulação sonora contextualizando-os aos períodos históricos;
- Proporcionar ao estudante a experimentação prática dos elementos fundamentais da construção musical.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	<p>Signos próprios da notação musical</p> <ul style="list-style-type: none"> • Notas, pauta e claves (sol, fá e dó); • Valores de duração; • Compasso; • Tempos fortes e fracos (síncope, contratempo e anacruse); • Pulso e Andamento; • Ponto de aumento, de diminuição e ligaduras; • Alterações (tons e semitons); • Enarmonia; • Quiálteras; • Intervalos; • Inversões de intervalos. 	20 h/a
2	<p>Aspectos rítmicos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Percepção, solfejo e leitura rítmica de semibreves e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de mínimas e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de semínimas e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica das durações acima elencadas com pontos de aumento e diminuição; 	20 h/a

	<ul style="list-style-type: none"> • Ação combinada dos elementos acima elencados. 	
3	Aspectos melódicos <ul style="list-style-type: none"> • Solfejo falado; • Solfejo entoado; • Percepção de intervalos harmônicos e melódicos (uníssono, segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sétimas e oitavas). 	20 h/a

AÇÕES INTEGRADORAS COM A MATRIZ CURRICULAR

História da Música Ocidental: fatos históricos, de diversos períodos, que se correlacionem com a História da Música Ocidental.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades (seminários, debates, exibição e apreciação crítica) que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (softwares, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica

1. MED, Bohumil. **Teoria da Música – 4^a. ed.**. Brasília, DF: Musimed, 1996.
2. SÁ, Gazzi. **Musicalização**. Rio de Janeiro: Funarte, 1990.
3. SÁ PEREIRA, Antônio de. **Psicotécnica do ensino elementar da música**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

Bibliografia Complementar

1. MIGNONE, Liddy Chiaffarelli, FERNANDEZ, Marina Lorenzo. **Iniciação Musical: Treinos de Ouvido, Ritmo e Leitura**. Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.
2. GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1988.
3. FONTERRADA, M. T. de O. **De tramas e fios**. São Paulo: Unesp, 2005.
4. VILLA-LOBOS, Heitor. **Guia Prático para a educação artística e musical. Vol. 1. 1º, 2º e 3º cadernos**. Rio de Janeiro: ABM: Funarte, 2009.
5. PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia Musical Brasileira no Século XX, Metodologia e Tendências**. 2. ed. revista e aumentada. Brasília: Editora MusiMed, 2013.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Canto Coral I

PERÍODO: 1º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Introduzir a prática do Canto Coral a partir da interpretação de repertório diversificado articulado aos aspectos sociais e culturais.

OBJETIVOS

- Promover a discussão e compreensão dos aspectos fundamentais da prática de Canto Coral;
- Conscientizar o estudante quanto ao uso da voz e a higiene necessária para um bom funcionamento da mesma;
- Proporcionar ao estudante a construção do conhecimento a partir do uso de novas tecnologias que possam contribuir com a prática em conjunto;
- Dotar os estudantes de conhecimentos teóricos, perceptuais e estéticos utilizando a voz como instrumento socializador e integrador.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	O que é a voz e como funciona nossa respiração? Fisiologia da voz;	3 h/a
2	Saúde e Higiene Vocal;	3 h/a
3	Respiração e produção vocal;	5 h/a
4	Classificação das vozes;	2 h/a
5	Introdução às noções de canto em grupo;	4 h/a
6	Vocalizes Coletivos;	6 h/a
7	O que é Afinação? Percepção e desenvolvimento das diferentes frequências entre as vozes;	7 h/a
8	Exercícios de concentração com prática do Canto a duas vozes;	4 h/a
9	Aplicação dos conhecimentos anteriores em um repertório compatível à fase de desenvolvimento;	6 h/a

AÇÕES INTEGRADORAS COM A MATRIZ CURRICULAR

Teoria e Percepção I: notação, durações, entonação, ritmos e intervalos simples.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;

- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computador, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica

BEHLAU, Mara; REHDER, Inês. **Higiene Vocal Para O Canto Coral**. Rio de Janeiro: RevinteR, 1997.

MARSOLA, Mônica; BAÊ, Tutti. **Canto – Uma expressão: Princípios Básicos da Técnica Vocal**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2000.

PACHECO, Cláudia; BAÊ, Tutti. **Canto – Equilíbrio Entre Corpo e Som: Princípios Da Fisiologia Vocal**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2006.

Bibliografia Complementar

VACCAI, Nicola. **Método prático de canto**. São Paulo: Ricordi, 2001.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Estética e Filosofia da Arte

PERÍODO: 1º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 h.a.	CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)
--------------------------------------	---

EMENTA

Análise filosófica dos problemas estéticos; discussão sobre o problema do belo e do feio nas diferentes correntes da tradição filosófica. Significação(ões) do(s) conceito(s) e das formas de arte; a problemática que envolve a produção da obra de arte; a natureza da criatividade; a condições gnoseológicas da percepção estética e da emissão de juízos de gosto. Relações entre estética, ética, técnica e política. Relação entre música e filosofia. A arte como ferramenta de emancipação ou alienação. Os impasses críticos e as inquietações vigentes no debate contemporâneo acerca da arte e dos juízos de gosto.

OBJETIVOS

Geral

- Compreender criticamente os pressupostos filosóficos subjacentes à história do pensamento estético ocidental, pensando-os à luz do modo como repercutiram, repercutem e poderiam/podem repercutir no campo da expressão artística, como também em outras esferas da experiência humana em sociedade.

Específicos

- Investigar os autores, as problemáticas e os conceitos da tradição filosófica cuja influência foi moldando as facetas do imaginário estético ocidental, habilitando os(as) estudantes ao acompanhamento profícuo das discussões que alimentaram as questões abertas por tais teorizações.
- Estimular os(as) estudantes à compreensão e interpretação conceitual e crítica do fenômeno artístico (dentre eles, o musical) à luz dos pressupostos filosóficos emergentes na tradição do pensamento ocidental.
- Possibilitar o desvelamento crítico das concepções filosóficas que foram definindo o estatuto de identidade estética ocidental no que concerne a recepção do belo e do feio na arte.
- Propor uma reflexão crítica acerca dos impasses e inquietações vigentes no debate estético-filosófico contemporâneo a respeito da arte.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. CONCEITOS E PROVOCAÇÕES FUNDAMENTAIS

1.1 O que é arte? A arte é uma atividade/expressão peculiarmente humana? Por que/para que pensá-la filosoficamente?

1.2 Ética e estética: relações possíveis? A arte como expressão do comportamento humano.

2. A ESTÉTICA NA FILOSOFIA ANTIGA

- 2.1** A arte como *tekhné*
- 2.2** A estética como expressão da sensibilidade (*aesthesia*) humana
- 2.3** Música e filosofia em Pitágoras e Platão
- 2.4** Reflexões estéticas na filosofia de Platão
 - 2.4.1** A reflexão sobre o Belo e sua relação com a verdade e o Bem
 - 2.4.2** A arte como atividade passível de distorção/afastamento do conhecimento humano sobre a verdade do real
- 2.4.3** A obra de arte como boa obra de expressão do Belo ideal
- 2.5** Reflexões estéticas na filosofia de Aristóteles
 - 2.5.1** A arte como imitação (*mimesis*) da vida na obra “A poética”
 - 2.5.2** A obra de arte como representação excelente da forma como o belo e o feio se expressam na dimensão imanente do real.

3. O LUGAR DA ESTÉTICA NA FILOSOFIA MEDIEVAL E SUAS MANIFESTAÇÕES

4. A ESTÉTICA NA FILOSOFIA MODERNA

- 4.1** A autonomia estética (do século XV ao XVIII)
 - 4.1.1** A concepção de Belo e de Arte no Renascimento
 - 4.1.2** Baumgarten e o problema do belo artístico
 - 4.1.3** A autonomia do juízo do gosto em Immanuel Kant
 - 4.1.4** A educação estética do homem em Friedrich Schiller
- 4.2** Concepções estéticas do século XIX
 - 4.2.1** A estética hegeliana
 - 4.2.2** A Filosofia da arte de Schelling
 - 4.2.3** Reflexões críticas de Nietzsche sobre a “potência” da arte

5. A ESTÉTICA NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

- 5.1** A estética à luz da teoria crítica da Escola de Frankfurt: a aura artística em tempos de reproduzibilidade técnica e de Indústria Cultural
- 5.2** A filosofia e o pós-moderno: é preciso/possível falar de estética e/ou estéticas?
- 5.3** Outras facetas teórico-críticas da filosofia sobre a(s) estética(s) contemporânea(s)

METODOLOGIA

Aulas temáticas orientadas para a exposição e discussão dos conceitos filosóficos e à paralela dialogia crítico-reflexiva entre o(a) professor(a) e os(as) estudantes. (Re)construção dinâmica dos procedimentos didáticos de ensino a partir de uma constante avaliação do momento pedagógico, inspirada na ideia de aprendizagem significativa. Leitura e estudos dirigidos de trechos de obras – didaticamente adaptados – de filósofos listados no conteúdo programático (seguindo as referências bibliografias) e, em caso de necessidade secundária de compreensão dos textos, utilização de obras de comentadores. Possibilidade de desenvolvimento de dinâmicas de grupo, seminários temáticos, etc. Constante articulação entre os estudos teóricos de base com a reflexão crítica de suas manifestações na prática artística, principalmente na tradição da música ocidental,

buscando atender também os interesses/curiosidades específicos(as) dos estudantes de música em relação à articulação teórico-prática dessa área com a filosofia.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Data-show, computador com internet e caixas de som;
- Quadro branco / Pincel / Apagador;
- Livros e/ou Apostilas didáticas;
- Exposição de filmes, músicas, dentre outros recursos didáticos audiovisuais;
- Outros recursos serão possíveis, a combinar com os(as) estudantes e a depender da dinâmica da disciplina

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica

ARISTÓTELES. 17 ed. **Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Estampa, 1995.

BAUMGARTEN, Alexander G.. **Estética: a lógica da arte e do poema**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense. 1986. V. 1.p. 165-169.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos)

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Estética na Filosofia Medieval**. Revista Ágora Filosófica, v. 01, n. 01, Recife, 2011, p. 11-30.

DUARTE, Rodrigo (org.). **O Belo autônomo – textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2012.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de estética**. São Paulo: Edusp, 2001.

KANT, Immanuel. **A crítica do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

MIRANDA, Dilmar. **Poéticas e estéticas musicais:** de Pitágoras para além de John Cage. Porto Alegre: Anais do Simpósio de estética e filosofia da música (SEFiM/UFRGS), v. 01, n. 01, 2013.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte.** 4 ed. São Paulo: Ática, 1999.

PANOFSKY, Erwin. **Idea** – a evolução do conceito de belo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PLATÃO. **A República.** Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

SCHELLING. **Filosofia da arte.** São Paulo: Edusp, 2001.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem.** São Paulo: Iluminuras, 2002. TOMÁS, Lia. **Música e filosofia:** estética musical. São Paulo: Irmão Vitale, 2005.

Bibliografia Complementar

BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CÉRON, Ileana Pradilha; REIS, Paulo (org.). **Kant:** crítica e estética na Modernidade. São Paulo. SENAC, 1999.

CHASIN, Ibaney. **O canto dos afetos:** um dizer humanista. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte.** 1^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERRY, Luc. **Homo Estheticus:** a invenção do gosto na era democrática. Trad. Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: Ensaio, 1994.

GOMBRICH, E. H. **A história da Arte.** Trad. Álvaro Cabral. 15 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1993.

HAAR, Michel. **A obra de arte:** ensaio sobre a ontologia das obras. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel.** Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto/EDUERJ, 2002.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ROHDEN, Valério; MARQUES, Antônio. **Kant:** crítica da Faculdade do Juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

RUFINO, Emmanoel de Almeida. **O feio e seu estatuto de identidade artística entre Platão e Aristóteles.** Revista Investigações, v. 26, n. 01, Recife, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/374/315>. Acesso em 13/07/2018.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: História da Música Ocidental

PERÍODO: 1º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 03 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 h.a. (50 h.r.)

EMENTA

Abordar a História da Música Ocidental por meio da apreciação e o estudo dos diferentes períodos históricos com ênfase nos estilos de época. É apresentada de forma ilustrada (com recursos audiovisuais diversos) e contextualizada com outras áreas do conhecimento tais como a História Geral e a Filosofia.

OBJETIVOS

- Habilitar o estudante a perceber os aspectos identitários dos diversos gêneros e estilos consolidados ao longo da história da Música Ocidental;
- Ativar a audição musical e a percepção visual;
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e compreensivo dos movimentos sócio-histórico-culturais responsáveis pelo desenvolvimento e consolidação da Música Ocidental.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	• Música da Grécia antiga;	9 h/a
2	• Música Medieval;	9 h/a
3	• Música Renascentista;	9 h/a
4	• Música Barroca;	9 h/a
5	• Música Clássica;	9 h/a
6	• Música do Romantismo do séc. XIX;	9 h/a
7	• Música Moderna e Contemporânea (séc. XX / séc. XXI)	6 h/a

AÇÕES INTEGRADORAS COM A MATRIZ CURRICULAR

Teoria e Percepção I: notação, durações, ritmos, intervalos.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);

- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica

1. BENNET, R. (1986). **Uma Breve História da Música.** 2 ed. Tradução de Maria Tereza Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
2. CANDÉ, R. (1994). **História Universal da Música.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo; Martins Fontes.
3. COPLAND, A. (1974). **Como ouvir e Entender Música.** Tradução de Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Artenova.
4. GROUT, D. J. e PALISCA, C. V. (1994). **História da Música Ocidental.** Tradução de Ana Luisa Faria. Lisboa: Gradiva Publicações.
5. HORTA, L. P. (1985). **Dicionário de Música.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
6. MARIZ, V. (1981). **História da Música no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
7. MASSIN, J & B. (1997). **História da Música Ocidental.** Tradução de Maria Tereza.
8. SHAFER, M. (1991). **O ouvido Pensante.** Tradução de Marisa Fonterrada. São Paulo: Unesp.
9. WISNIK, J. M. (1989). **O som e o Sentido.** São Paulo: Companhia das Letras.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Instrumento II

PERÍODO: 2º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Aprofundar os conhecimentos introdutórios necessários à prática interpretativa e performática, utilizando o instrumento musical como meio de expressão artística.

OBJETIVOS

- Estimular e potencializar as capacidades musicais e instrumentais do estudante e seu desenvolvimento autônomo e equilibrado;
- Conscientizar a postura corporal e o posicionamento estável do instrumento musical;
- Desenvolver a liberdade dos movimentos, o relaxamento e a eficiência motora;
- Buscar a correta movimentação dos músculos utilizados na prática instrumental;
- Compreender o sentido rítmico do repertório trabalhado;
- Orientar a busca pela qualidade sonora o respectivo instrumento musical;
- Estimular o desenvolvimento da memória musical;
- Fomentar atividades que proporcionem a sociabilidade;
- Desenvolver o gosto pela aquisição de conhecimentos que potenciem o desenvolvimento da autonomia;
- Dotar o estudante dos conhecimentos introdutórios sobre os personagens atuantes no processo histórico do instrumento musical escolhido.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O conteúdo programático de cada habilitação instrumental ofertada possui indicações autônomas.

METODOLOGIA DE ENSINO

Por meio da apreciação da compreensão, da leitura, da técnica instrumental e concepções musicais do estudante aplicados às obras trabalhadas, serão conduzidas as diretrizes e orientações cabíveis a cada estudante buscando o alcance dos objetivos elencados e um desenvolvimento instrumental/musical gradual e consciente. As orientações poderão ser expositivas, dialogadas e/ou ilustradas com recursos audiovisuais. As aulas serão, prioritariamente, em grupo, onde cada estudante apresentará os estudos, desenvolvimentos e dificuldades encontradas na interpretação de cada obra estudada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computador, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco,

cadeiras e mesas, violões, partitura, cadeira, estante de partitura, apoio de pé ou acessório próprio, afinador, metrônomo, apagador, lápis, caneta, papel e borracha.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

HARNONCOURT, Nikolaus. **O Discurso dos Sons: Caminhos Para Uma Nova Compreensão Musical.** Salzburg: Residenz Verlag, 1984. Trad.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

OBSERVAÇÕES

Todas as habilitações instrumentais ofertadas pelo Curso Subsequente em Instrumento Musical do IFPB, Campus João Pessoa, possuem Planos de Ensino individuais, articulados com este plano que possui caráter “genérico”.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Teoria e Percepção II

PERÍODO: 2º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 03 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 h.a. (50 h.r.)

EMENTA

Aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre a escrita e percepção musical buscando o desenvolvimento psicológico e cognitivo através da experimentação, compreensão e valorização das diversas formas de manipulação sonora e seus aspectos criativos.

OBJETIVOS

- Aprofundar a discussão e compreensão sobre dos signos próprios da escrita musical;
- Contextualizar a importância do material sonoro nas diversas formas de manipulação;
- Habilitar o estudante a representar graficamente novas entidades sonoras (de acordo com os signos vistos no primeiro ano);
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprehensivo da manipulação sonora contextualizando-os aos períodos históricos;
- Proporcionar ao estudante a experimentação prática dos conteúdos abordados;

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Signos próprios da notação musical <ul style="list-style-type: none"> • Escalas maiores; • Escalas menores (natural, harmônica e melódica); • Armadura de Clave; • Tons vizinhos; • Modos litúrgicos; • Escalas artificiais; • Transposição e instrumentos transpositores; • Matizes (modificações dinâmicas); • Abreviaturas, sinais de repetição e termos especiais; • Formação de acordes; • Inversão de acordes. 	20 h/a
2	Aspectos rítmicos <ul style="list-style-type: none"> • Percepção, solfejo e leitura rítmica de semibreves e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de mínimas e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de semínimas e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica das durações acima elencadas com pontos de aumento e diminuição; • Ação combinada dos elementos acima elencados. 	20 h/a
3	Aspectos melódicos	20 h/a

- | | | |
|--|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Solfejo falado; • Solfejo entoado; • Percepção de intervalos harmônicos e melódicos (uníssono, segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sétimas e oitavas). | |
|--|--|--|

AÇÕES INTEGRADORAS COM A MATRIZ CURRICULAR

História da Música Ocidental: fatos históricos, de diversos períodos, que se correlacionem com a História da Música Ocidental.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. MED, Bohumil. **Teoria da Música – 4^a. ed.**. Brasília, DF: Musimed, 1996.
2. SÁ, Gazzi. **Musicalização**. Rio de Janeiro: Funarte, 1990.
3. SÁ PEREIRA, Antônio de. **Psicotécnica do ensino elementar da música**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

Bibliografia Complementar:

1. MIGNONE, Liddy Chiaffarelli, FERNANDEZ, Marina Lorenzo. **Iniciação Musical: Treinos de Ouvido, Ritmo e Leitura**. Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.
2. GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1988.
3. FONTERRADA, M. T. de O. **De tramas e fios**. São Paulo: Unesp, 2005.
4. VILLA-LOBOS, Heitor. **Guia Prático para a educação artística e musical. Vol. 1. 1º, 2º e 3º cadernos**. Rio de Janeiro: ABM: Funarte, 2009.
5. PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia Musical Brasileira no Século XX, Metodologia e Tendências**. 2. ed. revista e aumentada. Brasília: Editora MusiMed, 2013.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Canto Coral II

PERÍODO: 2º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Aprofundar a prática do Canto Coral e a interpretação de repertório diversificado articulado aos aspectos sociais e culturais.

OBJETIVOS

- Promover a discussão e compreensão dos aspectos fundamentais da prática de Canto Coral;
- Conscientizar o estudante quanto ao uso da voz e a higiene necessária para um bom funcionamento da mesma;
- Proporcionar ao estudante a construção do conhecimento a partir do uso de novas tecnologias que possam contribuir com a prática em conjunto;
- Contribuir para a formação musical do estudante, abordando aspectos teóricos, perceptuais, sociais e estéticos acerca da voz e do Canto Coral;
- Promover a compreensão da utilização de duas ou mais vozes em uma obra musical coral;
- Proporcionar aos estudantes diferentes técnicas de como adequar sua voz ao contexto musical trabalhado.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	● Respiração e produção vocal;	4 h
2	● Desenvolvimento da tessitura e afinação com a utilização de vocalizes coletivos;	6 h
3	● Cânones a três vozes;	5 h
4	● Exercícios de Percepção auditiva e Vocal;	6 h
5	● Criando uma segunda voz a partir de uma melodia dada;	5 h
6	● Técnicas Vocais utilizadas para gêneros variados;	7 h
7	● Preparação de repertório: prática e estudos.	7 h

AÇÕES INTEGRADORAS COM A MATRIZ CURRICULAR

Musicalização: notação, durações, entonação, ritmos e intervalos simples.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;

- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computador, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

BEHLAU, Mara; REHDER, Inês. **Higiene Vocal Para O Canto Coral.** Rio de Janeiro: RevinteR, 1997.

MARSOLA, Mônica; BAÊ, Tutti. **Canto – Uma expressão: Princípios Básicos da Técnica Vocal.** São Paulo: Irmãos Vitale, 2000.

PACHECO, Cláudia; BAÊ, Tutti. **Canto – Equilíbrio Entre Corpo e Som: Princípios Da Fisiologia Vocal.** São Paulo: Irmãos Vitale, 2006.

Bibliografia Complementar:

VACCAI, Nicola. **Método prático de canto.** São Paulo: Ricordi, 2001.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL	
COMPONENTE CURRICULAR: Música, Trabalho e Sociedade	
PERÍODO: 2º semestre	
CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.	CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Significado das práticas musicais no mundo do trabalho e na construção da realidade social. Concepções e relações de trabalho e trabalho musical nas diferentes sociedades. Processos e relações de trabalho nas sociedades capitalistas. Transformações do mundo do trabalho na atualidade: Do fordismo ao toyotismo. A precarização da força de trabalho no Brasil. O mercado de trabalho no Brasil e suas desigualdades.

OBJETIVOS

Geral

Analisar, a partir de uma perspectiva crítica, o papel formador do trabalho e os condicionantes das relações de produção na sociedade capitalista. Analisar criticamente os fundamentos da formação social e reconhecer-se como agente de transformação desse processo histórico a partir de sua inserção no mundo do trabalho.

Específicos

Compreender os fundamentos da formação social e reconhecer-se, como agente de transformação nesse processo. Apreender o significado do trabalho e da cultura no processo de humanização. Compreender os condicionantes das relações estabelecidas pelo sistema produtor de mercadoria na formação da vida social. Compreender os condicionamentos das relações de trabalho na sociedade capitalista. Analisar as novas formas de organização do trabalho e desenvolvimento das tecnologias e suas relações com o processo de precarização das relações de trabalho. Estabelecer relações entre as novas formas de organização de trabalho e o processo de mundialização do capital. Analisar o mercado de trabalho brasileiro e verificar suas desigualdades e particularidades, típicas de uma economia baseada na superexploração da força de trabalho.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Unidade I: Os sentidos do Trabalho: conceito e perspectivas na História Ocidental 1.1. O conceito de Trabalho nos clássicos da Sociologia 1.2. O Trabalho e a Organização da Vida Social na História 1.3. O Trabalho na sociedade capitalista	13 h/a
2	Unidade II: Organização e transformações do trabalho no Séc. XX 2.1 O Sistema Taylorista/Fordista de Organização do Trabalho 2.2 Toyotismo e Acumulação Flexível	13 h/a

	2.3 A precarização das relações de trabalho e os processos de flexibilização e terceirização do trabalho na contemporaneidade. 2.4 A centralidade do Trabalho em questão.	
3	Unidade III: Trabalho e Realidade Brasileira 3.1 A precarização do trabalho no contexto da sociedade brasileira 3.2 Gênero e Trabalho 3.3 Juventude e Trabalho 3.4 Trabalho e Questão Racial 3.5 Saúde e Trabalho 3.6 Educação e Trabalho	14 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

Como procedimentos de aprendizagem serão utilizados: aulas expositivas e dialógicas; debates em sala de aula; seminários; leitura e análise de textos sociológicos.

RECURSOS DIDÁTICOS

Quadro branco; data show; livro didático; apostilas; aparelho de som.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

SILVA, A. et ali. **Sociologia em Movimento**. 2^a ed. São Paulo: Moderna, 2016.

Bibliografia Complementar:

BARROS, C.R.; AMORIM, H.; MACHADO, I. J. R. **Sociologia Hoje**. 2^a ed. São Paulo: Ática, 2016.

FREIRE-MEDEIROS, B. et ali. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. 3^a ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

MOTIM, L. B.; BRIDI, M. A.; ARAÚJO, S. M. **Sociologia**. 2^a ed. São Paulo: Scipione, 2016.

OLIVEIRA, L. F. e COSTA, R. C. R. da. **Sociologia para Jovens do Século XXI**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: História da Música Brasileira

PERÍODO: 2º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 03 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 h.a. (50 h.r.)

EMENTA

Abordar e compreender os aspectos históricos da música popular brasileira, sua gênese, seu desenvolvimento e sua consolidação

OBJETIVOS

- Promover a discussão e compreensão sobre os aspectos formativos, a consolidação, a transição e a modernização da música popular brasileira, perpassando, neste moldes, a música paraibana;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais sobre os principais personagens atuantes no processo histórico da música popular brasileira;
- Habilitar o estudante a perceber os aspectos identitários dos diversos gêneros e estilos consolidados ao longo da história da música popular brasileira;
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e compreensivo dos movimentos sócio-histórico-culturais responsáveis pelo desenvolvimento e consolidação da música popular brasileira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	A Música Colonial Brasileira (1500-1808) <ul style="list-style-type: none"> • Os primórdios; • Música dos colonizadores; • Gêneros e Estilos predominantes; • A chegada da Família Real ao Brasil. 	10 h/a
2	A formação da Música Popular Brasileira (1770-1928) <ul style="list-style-type: none"> • Domingos Caldas Barbosa; • A modinha e Lundu; • A Família Real, o piano e as danças de salão; • A chegada da polca e de outras danças estrangeiras; • O tango brasileiro e o maxixe; • A formação do choro; • Ernesto Nazareth; • Chiquinha Gonzaga; • Anacleto de Medeiros e as bandas; • A modinha e o lundu no final do século XIX; • A entrada em cena do teatro de revista; 	10 h/a

	<ul style="list-style-type: none"> • Os primórdios do disco no Brasil; • Os cantores e músicos pioneiros do disco; • Catulo; • O advento do samba e da canção carnavalesca; • Nosso Sinhô do samba e outras bossas; • A marchinha invade o carnaval; • O jovem Pixinguinha; • O auge do teatro de revista; • Três invenções ditam novos rumos à música popular. 	
3	A consolidação da Música Popular Brasileira (1929-1945) <ul style="list-style-type: none"> • A geração que desencadeou a Época de Ouro; • O canto coloquial de Mario Reis; • Os sambas e os bambas do Estácio; • Lamartine e Braguinha consolidam a marchinha; • O fenômeno Noel Rosa; • Uma pequena notável; • O apogeu de Ary Barroso • Novos valores juntam-se à geração de 1930; • O samba na Época de Ouro; • Aconteceu no Nice; • Pixinguinha, Radamés e as orquestras populares; • A canção romântica; • Os quatro grandes; • O cinema musical brasileiro; • Um baiano chamado Dorival; • Os caipiras chegam ao disco; • O Rio descobre a música nordestina; • O frevo e o maracatu; • A força dos conjuntos regionais e vocais; • O Estado Novo e a música popular. 	10 h/a
4	A transição da Música Popular Brasileira (1946-1957) <ul style="list-style-type: none"> • A geração pós-Época de Ouro; • O estouro do Baião; • A hegemonia do samba-canção na música romântica; • O último trovador; • O choro em meados do século XX; • O melhor da Era do Rádio. 	10 h/a
5	A modernização da Música Popular Brasileira (1958-) <ul style="list-style-type: none"> • A Bossa Nova; • Os festivais televisivos; • A geração que fixou a moderna canção brasileira; • O tropicalismo; • A jovem guarda; • A renovação do Samba; • Depois dos festivais; • O Rock Brasileiro, o neo-sertanejo, o pagode e outras novidades; 	10 h/a

	<ul style="list-style-type: none"> • Um panorama da música popular brasileira na virada do milênio. 	
6	A música paraibana <ul style="list-style-type: none"> • Primórdios; • Música de concerto; • Música popular; • Principais intérpretes e compositores; • Panorama atual do cenário musical paraibano; 	10 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades (seminários, debates, exibição e apreciação crítica) que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (softwares, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica

1. SEVERIANO, Jairo. **Uma história da música popular brasileira: das origens à**

- modernidade.** Editora: Editora 34. São Paulo, 2008.
3. MARIZ, Vasco. **História da Música do Brasil.** Editora: , 1961.
2. NAPOLITANO, Marcos. **História & música:** história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p.
4. _____. História e música popular: um mapa de leituras e questões. **Revista de História**, São Paulo/SP, v. 157, n. 2, p. 153-171, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19066/21129>>. Acesso em: 2010/2016.

Bibliografia Complementar

ALBIN, Ricardo C. **O livro de ouro da MPB:** a história de nossa música popular de sua origem até hoje, 2003.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Música, Tecnologia e Inovação

PERÍODO: 2º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Abordar os fundamentos das inter-relações entre Música e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) por meio de práticas de edição, captação, mixagem e masterização de áudio em plataformas digitais nas suas diversas formas de produção visando o desenvolvimento de iniciativas inovadoras na interface Música e Tecnologia.

OBJETIVOS

- Promover a discussão e compreensão sobre os processos de edição, captação, gravação, mixagem e processamento de áudios diversos;
- Contextualizar a importância do material sonoro nas diversas produções de mídias e/ou suportes digitais;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais sobre tecnologias de produção sonora;
- Habilitar o estudante à manipulação básica de material sonoro processado em plataforma digital;
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprehensivo sobre os constantes aprimoramentos tecnológicos dos meios de processamento de áudio;
- Compreender as técnicas básicas de edição, gravação, manipulação digital, edição e mixagem do áudio para diversas aplicações.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Arquitetura do sistema de captação e processamento <ul style="list-style-type: none"> • Eletromagnetismo e transdutores; • Microfones, cabos, conexões e impedância; • Plataformas digitais: off e on-line • Técnicas de microfonação (posicionamento e rendimento); • Processadores de dinâmica; • Equalizadores. 	9 h/a
2	Introdução à captação <ul style="list-style-type: none"> • Cuidados com o ruído indesejável; • Uso de mais de um microfone; • A relação sinal ruído: O ganho e a unidade (U, ou zero); • A importância de se ouvir o que está sendo gravado. 	9 h/a
3	Mixers: introdução aos conceitos e possibilidades <ul style="list-style-type: none"> • Pré-amplificadores; • Pós/pré; • Entradas individuais do canal; • Saídas individuais do canal; 	8 h/a

	<ul style="list-style-type: none"> • Saídas dos auxiliares, dos efeitos, do monitor e fone de ouvido; • Entradas dos auxiliares e dos efeitos; • Saídas do master, dos sub-masters, e outras saídas. 	
4	Equalizadores, compressores e gates <ul style="list-style-type: none"> • Filtros (Passa alta; Passa baixa; Passa banda); • Q; • Equalizador paramétrico; • Equalizador semi-paramétrico; • Equalizador gráfico; • Threshold; • Ratio; • Velocidade; • Ruído. 	7 h/a
5	Tratamento do áudio e masterização <ul style="list-style-type: none"> • Normalize; • Fades; • Volume; • Inversão de fase; • Reversão; • Inserção de silêncio; • Time compress/expander; • Pitch shift; • Redução de ruídos (noise reduction, eq., noise gate, expander, compressor...); • Equalização; • Compressão da dinâmica; • Reverberação; • Delay; • Arquivos de áudio. 	7 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. RODRIGUEZ, Angel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual.** São Paulo: Ed. SENAC, 2006.
2. RATTON, Miguel. **Criação de Música e sons no Computador.** São Paulo: Campus.
3. CRAWFORD, Doug. **ABC da Gravação.** São Paulo: Summus editorial.
4. RATTON, Miguel. **Criação de Música e sons no Computador.** São Paulo: Campus.
5. LEWIS, Colby. **Manual do Produtor de TV.** São Paulo: Ed. Cultrix.
6. ALKIN, E. G. **Sound Record and Reproducion.** Boston. Focal Press. 1988.
7. AMYES, Tim. **The technique of audio post-production in video and film.** London: Focal Press. Ano: ???
8. PERSHERON, Daniel. **El sonido cinematográfico e su relación con la imagen y la diegesis.** Revista: Vídeo Forum. Caracas: Fundación de Ciencias e Artes del Cine e la Television.
9. WEIS, Elisabete & BELTON, John (ed.). **Film Sound: Theory and Practice.** New York, Columbia University, 1985.
10. ALTEN, Stanley R. **Audio in Media.** California, Wadsworth, 1990.
11. ANDERSON, Craig. **MIDI for Musicians.** New York, Amsco Publications, 1986.
12. COLEMAN, M. **Playback: From the Vitrola to MP#, 100 Years of Music, Machines and Money.** New York, Da Capo Press, 2003.
13. EARGLE, John. **The Microphone Handbook.** New York, Elar Publishing, 1981.

14. GIBSON, David; PETERSON, George. **The Art of Mixing: a Visual Guide to Recording, Engineering and Production.** (Mix Pro Audio Serie), Mix Bookshelf, 1995.

Bibliografia Complementar:

1. BONASIO, Valter. **Televisão: Manual de produção e direção.** Belo Horizonte: Leitura, 2000.
2. FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio no ar – o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
3. DANCYGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 4^a edição.
4. MCLEICH, Robert. **Produção de rádio.** São Paulo: Summus. 2001.
5. MUSBURGER, Robert B. **Roteiro para mídia eletrônica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
6. MASSEY, Howard. **The MIDI Home Studio.** New York, Amsco Publications, 1988.
7. KARLIN, Fred. **On The Track: a guide to contemporary film scoring.** New York, Schirmer Books, 1990.
8. SANS, Howard. **Editorial Staff Dictionary of Audio & Hi-Fi.** Indianapolis, Howard W.Sans & Co. Ltda, 1975.
9. SCHAEFFER, Pierre. **La Musique Concrete.** Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
10. WILKINSON, T. A. **The Approach to Professional Audio.** Butterworth-Heinemann, 1994.
11. WILKINSON, Scott; OPPENHEIMER, Steve; ISHAN, Mark. **Anatomy of a Home Studio – How Everything Really Works, from Microphones to Midi Mix.** Bookshelf, 1995.
12. BERNSTEIN, Julian L. **Audio systems.** New York: John Wiley, 1966.
13. ROSE, Jay. **Audio post production for film and video.** 2nd ed. Burlington, MA: Focal Press, Amsterdam: Elsevier, 2009.
14. SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

15. SOUZA, Lea Cristina Lucas de; ALMEIDA, Manuela Guedes de; BRAGANÇA, Luís. Bê-á-bá da acústica arquitetônica: ouvindo a arquitetura. 1^a ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2006.
16. VALLE, Sólon do. Microfones: teoria e aplicação. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 1997.
17. JOURDAIN, Robert. **Música, cérebro e êxtase.** Objetiva, Rio de Janeiro, 1998.
18. LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência.** São Paulo, Editora 34, 1995,

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Instrumento III

PERÍODO: 3º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Aprofundar os conhecimentos introdutórios necessários à prática interpretativa e performática, utilizando o instrumento musical como meio de expressão artística.

OBJETIVOS

- Estimular e potencializar as capacidades musicais e instrumentais do estudante e seu desenvolvimento autônomo e equilibrado;
- Conscientizar a postura corporal e o posicionamento estável do instrumento musical;
- Desenvolver a liberdade dos movimentos, o relaxamento e a eficiência motora;
- Buscar a correta movimentação dos músculos utilizados na prática instrumental;
- Compreender o sentido rítmico do repertório trabalhado;
- Orientar a busca pela qualidade sonora o respectivo instrumento musical;
- Estimular o desenvolvimento da memória musical;
- Fomentar atividades que proporcionem a sociabilidade;
- Desenvolver o gosto pela aquisição de conhecimentos que potenciem o desenvolvimento da autonomia;
- Dotar o estudante dos conhecimentos introdutórios sobre os personagens atuantes no processo histórico do instrumento musical escolhido.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O conteúdo programático de cada habilitação instrumental ofertada possui indicações autônomas.

METODOLOGIA DE ENSINO

Por meio da apreciação da compreensão, da leitura, da técnica instrumental e concepções musicais do estudante aplicados às obras trabalhadas, serão conduzidas as diretrizes e orientações cabíveis a cada estudante buscando o alcance dos objetivos elencados e um desenvolvimento instrumental/musical gradual e consciente. As orientações poderão ser expositivas, dialogadas e/ou ilustradas com recursos audiovisuais. As aulas serão, prioritariamente, em grupo, onde cada estudante apresentará os estudos, desenvolvimentos e dificuldades encontradas na interpretação de cada obra estudada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computador, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco,

cadeiras e mesas, violões, partitura, cadeira, estante de partitura, apoio de pé ou acessório próprio, afinador, metrônomo, apagador, lápis, caneta, papel e borracha.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

HARNONCOURT, Nikolaus. **O Discurso dos Sons: Caminhos Para Uma Nova Compreensão Musical.** Salzburg: Residenz Verlag, 1984. Trad.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

OBSERVAÇÕES

Todas as habilitações instrumentais ofertadas pelo Curso Subsequente em Instrumento Musical do IFPB, Campus João Pessoa, possuem Planos de Ensino individuais, articulados com este plano que possui caráter “genérico”.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Teoria e Percepção III

PERÍODO: 3º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre a escrita e percepção musical buscando o desenvolvimento psicológico e cognitivo através da experimentação, compreensão e valorização das diversas formas de manipulação sonora e seus aspectos criativos.

OBJETIVOS

- Aprofundar a discussão e compreensão sobre dos signos próprios da escrita musical;
- Contextualizar a importância do material sonoro nas diversas formas de manipulação;
- Habilitar o estudante a representar graficamente novas entidades sonoras (de acordo com os signos vistos no primeiro e no segundo ano do curso);
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprehensivo da manipulação sonora contextualizando-os aos períodos históricos;
- Proporcionar ao estudante a experimentação prática dos conteúdos abordados;

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Signos próprios da notação musical <ul style="list-style-type: none"> • Acordes alterados; • Cifragem de acordes (tríades e tétrade); • Ornamentações (apogiaturas, mordentes, grupetos, trinados, portamentos e glissandos); • Movimentação de vozes; • Contraponto a duas vozes; • Consonâncias e dissonâncias; • Acordes de nona; • Função dos acordes; • Princípios de notação moderna. 	14 h/a
2	Aspectos rítmicos <ul style="list-style-type: none"> • Percepção, solfejo e leitura rítmica de semibreves e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de mínimas e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de semínimas e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de colcheia e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de semicolcheias e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica de fusas e suas respectivas pausas; • Percepção, solfejo e leitura rítmica das durações acima elencadas com 	13 h/a

	<p>pontos de aumento e diminuição;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ação combinada dos elementos acima elencados. 	
3	Aspectos melódicos <ul style="list-style-type: none"> • Solfejo falado; • Solfejo entoado; • Percepção de intervalos harmônicos e melódicos (uníssono, segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sétimas, oitavas e intervalos compostos). 	13 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. MED, Bohumil. **Teoria da Música** – 4^a ed.. Brasília, DF: Musimed, 1996.
2. SÁ, Gazzi. **Musicalização**. Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

3. SÁ PEREIRA, Antônio de. **Psicotécnica do ensino elementar da música.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

Bibliografia Complementar:

1. MIGNONE, Liddy Chiaffarelli, FERNANDEZ, Marina Lorenzo. **Iniciação Musical: Treinos de Ouvido, Ritmo e Leitura.** Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.
2. GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos de psicopedagogia musical.** São Paulo: Summus, 1988.
3. FONTERRADA, M. T. de O. **De tramas e fios.** São Paulo: Unesp, 2005.
4. VILLA-LOBOS, Heitor. **Guia Prático para a educação artística e musical. Vol. 1. 1º, 2º e 3º cadernos.** Rio de Janeiro: ABM: Funarte, 2009.
5. PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia Musical Brasileira no Século XX, Metodologia e Tendências.** 2. ed. revista e aumentada. Brasília: Editora MusiMed, 2013.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Prática em Conjunto I

PERÍODO: 3º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Vivenciar a prática musical em conjunto onde habilidades individuais e grupais sejam desenvolvidas por meio da leitura, solfejo e interpretação de partituras, da afinação, da qualidade musical e do equilíbrio das vozes.

OBJETIVOS

- Promover a prática musical coletiva observando a disponibilidade instrumental;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais sobre a prática de música em conjunto;
- Aperfeiçoar a prática da leitura de partituras;
- Habilitar o estudante a perceber o repertório para grupos musicais em diferentes épocas, estilos e compositores;
- Estimular os estudantes a interpretarem e criarem seus próprios arranjos e composições para grupos musicais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Técnicas de Prática em Conjunto <ul style="list-style-type: none"> • Conceitos básicos: entrada, condução e finalização; • Leitura; • Afinação; • Estudos por naipes. 	20 h/a
2	Aspectos rítmicos <ul style="list-style-type: none"> • Ritmo, métrica e acentuações; • Anacrustes, síncopes e contratemplos. 	10 h/a
3	Aspectos melódicos <ul style="list-style-type: none"> • Motivos; • Temas; • Frases; • Períodos; • Formas. 	10 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;

- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. SÉRVIO, Evaldo Passos. **Prática de Conjunto em Música Brasileira.** Teresina: EDUFPI, 2002.
2. PLADEVALL, Jayme. **Bateria Contemporânea: técnicas e ritmos.** São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.
3. GUEST, Ian. **Arranjo: método prático.** Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.
4. MIGNONE, Liddy Chiaffarelli, FERNANDEZ, Marina Lorenzo. **Iniciação Musical: Treinos de Ouvido, Ritmo e Leitura.** Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.
5. PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia Musical Brasileira no Século XX, Metodologia e Tendências.** 2. ed. revista e aumentada. Brasília: Editora MusiMed, 2013.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Português Literário

PERÍODO: 3º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Estrutura e funcionalidade da língua portuguesa. Leitura e escrita. Literatura brasileira. Literatura africana de língua portuguesa.

OBJETIVOS

Geral

- Compreender o mundo, a língua e a linguagem através da leitura e produção textual de diversos gêneros, incluindo os literários, em diferentes situações de interação social, visando à capacidade de análise crítica.
- Fazer uso dos recursos da língua portuguesa viabilizando o acesso ao mundo do trabalho.

Específicos

- Compreender a Língua Portuguesa como geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.
- Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, de acordo com as condições de produção e recepção.
- Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de conduta social e experiências humanas na forma de sentir, pensar e agir.
- Identificar os usos e intenções em situações de uso da gramática natural.
- Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando texto e contexto de uso.
- Adequar a linguagem às situações linguísticas do mundo do trabalho.
- Valorizar a literatura como fonte de informação, formação humanizadora e fruição estética.
- Entender as tecnologias da comunicação e da informação, associando-as aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem a solucionar.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Aspectos morfossintáticos e semânticos em estruturas textuais	8 h/a
---	---	-------

2	Literatura Brasileira Contemporânea: século XX e XXI	8 h/a
3	Literatura Africana de Língua Portuguesa / Literatura Afro-brasileira	8 h/a
4	Linguagem e estilo: recursos estilísticos e figuras de linguagem	8 h/a
5	Textualidade / Estudo dos gêneros textuais / Leitura e produção de texto: biografia, conto, relatório, divulgação científica.	8 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Trabalhos de pesquisa;
- Revisão linguística e reescrita dos próprios textos;
- Oficina de leitura e de produção textual;
- Eventos culturais (varais poéticos, performances teatrais, lançamentos de livros, concurso literários, encontros com escritores e artistas);
- Uso de jornais e revistas;
- Produção de antologias de alunos;
- Oficinas literárias;
- Projetos a partir de temas transversais.

RECURSOS DIDÁTICOS

Quadro branco, pincel, computador, datashow, som, material didático.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 2º ed. 3 vol. São Paulo: Moderna, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2ºed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FIORIN, José Luís. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2009.

Bibliografia Complementar:

ANTUNES, Irandé. *Lutar com Palavras: Coesão & Coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 55ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43º ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

KOCH, Ingredore G.V. *A coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 1992.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Harmonia Tonal

PERÍODO: 3º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Abordar os fundamentos do sistema tonal dotando o estudante de competências voltadas para a percepção e manipulação dos aglomerados sonoros através da experimentação criativa.

OBJETIVOS

- Promover a discussão e compreensão dos aspectos harmônicos do sistema tonal;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais para a harmonização de melodias;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais para a harmonização de baixos dados;
- Habilitar o estudante a perceber e representar graficamente os aglomerados sonoros presentes nos períodos barroco, clássico e romântico;
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprehensivo da manipulação dos aglomerados sonoros contextualizado-os aos períodos históricos;
- Proporcionar ao estudante a experimentação prática dos elementos fundamentais da construção harmônica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de tríades; • Tríades formadas a partir da escala maior; • Tríades formadas a partir da escala menor; • Tipos de tríades (maior, menor, aumentada e diminuta); 	5 h
2	<ul style="list-style-type: none"> • Acordes de sétima; • Acordes de sétima na escala maior; • Tipos de acordes de sétima na escala maior; • Acordes de sétima na escala menor; • Tipos de acordes de sétima na escala menor; • Nomenclatura das principais tríades e acordes de sétima; • Reconhecimento de tríades e acordes de sétima em obras da literatura musical; • Notação de tríades e acordes de sétima a 4 vozes; • Disposição das vozes; 	5 h
3	<ul style="list-style-type: none"> • Tessitura vocal; • Duplicação de notas na tríade; • Posição aberta e fechada de acordes; • Condução de vozes: movimentação melódica; 	6 h

	<ul style="list-style-type: none"> Movimentos paralelos proibidos: 5as e 8as paralelas; 5as e 8as diretas ou escondidas; Duplicação de notas em texturas livres; 	
4	<ul style="list-style-type: none"> Modelos cadenciais em tonalidades maiores: tônica e dominante (I-V-I; I-V7-I); Modelos cadenciais em tonalidades maiores: subdominante-dominante-tônica (IV-V[V7]-I); Modelos cadenciais em tonalidades maiores: tônica-subdominante-dominante-tônica (I-IV-V[V7]-I); Modelos cadenciais em tonalidades menores: tônica e dominante (i-V-i; i-V7-i); Modelos cadenciais em tonalidades menores: subdominante-dominante-tônica (ivV[V7]-i); Modelos cadenciais em tonalidades menores: tônica-subdominante-dominante-tônica (i-iv-V[V7]-i); 	6 h
5	<ul style="list-style-type: none"> Notas estranhas à harmonia: notas de passagem, bordadura, antecipação, apojatura, retardo, escapada; Reconhecimento analítico de tríades e acordes de sétima e notas ornamentais em obras da literatura musical; Inversão de tríades: I6 e V6; Tríades na segunda inversão, o acorde de 6/4 cadencial, a 6/4 de passagem; 	6 h
6	<ul style="list-style-type: none"> Acorde de VII7 em tonalidades maiores e menores; Acorde de sétima diminuta (vii°7); Acorde subdominante com sétima: IV7 e iv7; Acorde de tônica com sétima: I7, i7; Acorde de mediante com sétima: iii7, III7; 	6 h
7	<ul style="list-style-type: none"> Cromatismo e alteração de acordes; Dominantes secundárias em tonalidades maiores: V/ii, V/iii, V/IV, V/V, V/vi; Dominantes secundárias em tonalidades menores: V/iii, V/iv, V/V, V/VI, V/VII; Acordes substitutos. 	6 h

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. SIQUEIRA, José de Lima. **Canto dado em XIV lições.** João Pessoa: SECULT, 1981.
2. HINDEMITH, Paul. **Curso condensado de harmonia tradicional.** São Paulo: Irmaos Vitale, [c1949?].
3. LIMA, Marisa Ramires Rosa. **Harmonia: uma abordagem prática.** São Paulo: Ed. da Autora, 2010. Com CD.
4. DUDEQUE, Norton. **Apostilas.** Curitiba: DeArtes (UFPR), 2010.
5. SCHOENBERG, Arnold. **Harmonia.** São Paulo: UNESP, 2001.

Bibliografia Complementar:

1. KOSTKA, Stefa; PAYNE, Dorothy. **Tonal Harmony.** Boston: McGraw Hill, 2000.
2. PISTON, Walter. **Harmony.** Nova York: W.W. Norton, 1987.
3. ALDWELL, Edward; SCHACHTER, Carl. **Harmony and voice leading.** Boston: Thomson/Schirmer, 2003.
4. KOSTKA, Stefa; PAYNE, Dorothy. **Tonal Harmony.** Boston: McGraw Hill, 2000.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Projetos Musicais

PERÍODO: 3º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Abordar os processos de elaboração e desenvolvimento de projetos de pesquisa e projetos de captação de recursos da área da Música, observando os dispositivos legais seus meios de produção e divulgação.

OBJETIVOS

- Introduzir a noção de conhecimento científico;
- Abordar a elaboração de um projeto de pesquisa;
- Estimular o processo de criativo e de escrita relacionado aos Projetos Musicais;
- Compreender e refletir sobre os dispositivos legais que regulamentam o incentivo à Cultura;
- Apropriar-se de conceitos fundamentais de marketing e relacionamento com empresas;
- Apropriar-se de conceitos fundamentais da Economia Criativa;
- Desenvolver estratégias de organização e divulgação de eventos musicais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	<ul style="list-style-type: none"> • Tipos de conhecimento; • Conhecimento científico; • Elaborando um projeto de pesquisa; 	12h/a
2	<ul style="list-style-type: none"> • A música enquanto mecanismo educação e formação humanística; • O processo de criação de um projeto musical; • A estrutura formal de um projeto; • Lei nº 3.857/1960, que cria a Ordem dos Músicos do Brasil; • Lei nº 9.610/1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais. 	7 h/a
3	<ul style="list-style-type: none"> • Lei nº 11.769/2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica; • Editais de incentivo à música, nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal; • Estratégias para organização e divulgação de eventos musicais; • Marketing de relacionamento com as empresas; • Negócios da música. 	7 h/a
4	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento estratégico; • Organização e qualidade; • O exercício da profissão de músico; • Registro de obras musicais; 	7 h/a

	<ul style="list-style-type: none"> • Microempreendedor individual (MEI); • Comunicação e marketing na internet; • Princípios de Economia; • Economia Criativa; • Tributos (INSS, IR, ISS); • Alternativas de investimentos no campo da música. 	
5		7 h/a

AÇÕES INTEGRADORAS COM A MATRIZ CURRICULAR

Empreendedorismo Musical: economia criativa, comunicação e marketing e negócios da música.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1999.
2. Kuster, Rodrigo; et al. Saindo da garagem: Música e Business. Editora: Atlas. São Paulo, 2015.
3. [Https://m.sebrae.com.br/sebrae/portal%20sebrae/ufs/pe/anexos/livro%20musica%20ltda_web.pdf](https://m.sebrae.com.br/sebrae/portal%20sebrae/ufs/pe/anexos/livro%20musica%20ltda_web.pdf).
4. [Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3857.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3857.htm).
5. [Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm).
6. [Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm).

Bibliografia Complementar:

1. http://www.sebraemercados.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Mar_EcCriat_ProjCult.pdf.
- 2.<https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/12/PPT-aula-principais-topicos-de-projetos-culturais.pdf>.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Empreendedorismo e Produção Musical

PERÍODO: 3º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

O fenômeno empreendedorismo e seu impacto social. O empreendedor: capacidades e habilidades psicológicas. Gestão cultural. Noções de marketing aplicado ao segmento musical. A Identificação de oportunidades de negócio na área musical. Noções de Plano de Carreira e Plano de Negócios.

OBJETIVOS

Geral

Mostrar a importância do empreendedorismo nos dias atuais e como ele se tornou imprescindível para o mercado musical

Específicos

- Reconhecer o empreendedorismo considerando distintas abordagens e perfis empreendedores;
- Compreender os conceitos relacionados ao marketing e gestão cultural
- Identificar de oportunidades de negócio na área musical
- Elaborar plano de carreira e de negócios.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	<ul style="list-style-type: none"> ● Conceitos básicos de empreendedorismo; ● O comportamento empreendedor: capacidades e habilidades psicológicas; ● Inovação e conduta empreendedora; ● Planejamento estratégico; ● Perspectiva histórica e modelos de negócio na indústria musical. 	10 h/a
2	<ul style="list-style-type: none"> ● Gestão cultural: produção e orçamento; ● Tipos de financiamento: incentivo, patrocínios, investimentos e financiamento coletivo; ● Perspectivas jurídicas: direitos autorais e conexos, sociedades empresárias e contratos; ● Apresentação das Leis de incentivo à cultura: Federal, Estadual e Municipal; ● Modelos de projetos na área de música para os programas de incentivo à cultura; ● Economia criativa. 	10 h/a
3	<ul style="list-style-type: none"> ● Marketing aplicado: relação artista-fã, comunicação e mídias sociais; 	10 h/a

	<ul style="list-style-type: none"> • Marketing cultural e de serviço; • Distribuição musical; • Plataformas digitais; • Marketing pessoal. 	
4	<ul style="list-style-type: none"> • A Identificação de oportunidades de negócio na área musical; • Plano de Carreira/Vida; • O Plano de Negócios; • Elaboração de um plano de negócios na área musical. 	10 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas expositivas e dialogadas. Debates. Estudos de casos. Criação de planos de vida e negócios.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Textos (livros, artigos, estudos de caso, etc.);
- Quadro branco;
- Televisão, DVD player, vídeos, softwares;
- Computador;
- Projetor multimídia.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2012. 315 p.
2. DORNELAS, J.; SPINELLI, S.; ADAMS, R. **Criação de novos negócios**: empreendedorismo para o século XXI. 2. ed. São Paulo: Elsevier, 2014. 458 p.
3. SALAZAR, L. S. **Música Ltda**: o negócio da música para empreendedores. 2. Ed. Revista e ampliada. Recife: Sebrae-PE, 2015.

Bibliografia Complementar:

1. DEGEN, R. J. **O Empreendedor: Empreender como opção de carreira.** São Paulo: Ed. Pearson, 2011.
2. DORNELAS, J. **Empreendedorismo para visionários:** desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014. 245 p.
3. DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship):** prática e princípios. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 378 p.
4. HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo.** 9. ed. Porto Alegre, RS: AMGH, 2014. 456 p.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Instrumento IV

PERÍODO: 4º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Aprofundar os conhecimentos introdutórios necessários à prática interpretativa e performática, utilizando o instrumento musical como meio de expressão artística.

OBJETIVOS

- Estimular e potencializar as capacidades musicais e instrumentais do estudante e seu desenvolvimento autônomo e equilibrado;
- Conscientizar a postura corporal e o posicionamento estável do instrumento musical;
- Desenvolver a liberdade dos movimentos, o relaxamento e a eficiência motora;
- Buscar a correta movimentação dos músculos utilizados na prática instrumental;
- Compreender o sentido rítmico do repertório trabalhado;
- Orientar a busca pela qualidade sonora o respectivo instrumento musical;
- Estimular o desenvolvimento da memória musical;
- Fomentar atividades que proporcionem a sociabilidade;
- Desenvolver o gosto pela aquisição de conhecimentos que potenciem o desenvolvimento da autonomia;
- Dotar o estudante dos conhecimentos introdutórios sobre os personagens atuantes no processo histórico do instrumento musical escolhido.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O conteúdo programático de cada habilitação instrumental ofertada possui indicações autônomas.

METODOLOGIA DE ENSINO

Por meio da apreciação da compreensão, da leitura, da técnica instrumental e concepções musicais do estudante aplicados às obras trabalhadas, serão conduzidas as diretrizes e orientações cabíveis a cada estudante buscando o alcance dos objetivos elencados e um desenvolvimento instrumental/musical gradual e consciente. As orientações poderão ser expositivas, dialogadas e/ou ilustradas com recursos audiovisuais. As aulas serão, prioritariamente, em grupo, onde cada estudante apresentará os estudos, desenvolvimentos e dificuldades encontradas na interpretação de cada obra estudada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computador, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco,

cadeiras e mesas, violões, partitura, cadeira, estante de partitura, apoio de pé ou acessório próprio, afinador, metrônomo, apagador, lápis, caneta, papel e borracha.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. HARNONCOURT, Nikolaus. **O Discurso dos Sons: Caminhos Para Uma Nova Compreensão Musical.** Salzburg: Residenz Verlag, 1984. Trad.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

OBSERVAÇÕES

Todas as habilitações instrumentais ofertadas pelo Curso Subsequente em Instrumento Musical do IFPB, Campus João Pessoa, possuem Planos de Ensino individuais, articulados com este plano que possui caráter “genérico”.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Percepção IV

PERÍODO: 4º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre percepção musical buscando o desenvolvimento psicológico e cognitivo através da experimentação, compreensão e valorização das diversas formas de manipulação sonora e seus aspectos criativos.

OBJETIVOS

- Praticar a percepção musical a partir de variados repertórios;
- Contextualizar a importância do material sonoro nas diversas formas de manipulação;
- Habilitar o estudante a compreender auditivamente entidades sonoras (de acordo com os signos vistos no primeiro, segundo e terceiro semestres do curso);
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprensivo da manipulação sonora contextualizando-os aos períodos históricos;
- Proporcionar ao estudante a experimentação prática dos conteúdos abordados;

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Perceber auditivamente: <ul style="list-style-type: none"> • Acordes alterados; • Ornamentações (apogiaturas, mordentes, grupetos, trinados, portamentos e glissandos); • Movimentação de vozes; • Contraponto a duas vozes; • Consonâncias e dissonâncias; • Acordes de nona; • Função dos acordes; • Texturas musicais; • Formas musicais. 	40 h/a
---	--	--------

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;

- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. MED, Bohumil. **Teoria da Música – 4^a ed.**. Brasília, DF: Musimed, 1996.
2. SÁ, Gazzi. **Musicalização**. Rio de Janeiro: Funarte, 1990.
3. SÁ PEREIRA, Antônio de. **Psicotécnica do ensino elementar da música**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

Bibliografia Complementar:

1. MIGNONE, Liddy Chiaffarelli, FERNANDEZ, Marina Lorenzo. **Iniciação Musical: Treinos de Ouvido, Ritmo e Leitura**. Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.
2. GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1988.
3. FONTELLADA, M. T. de O. **De tramas e fios**. São Paulo: Unesp, 2005.
4. VILLA-LOBOS, Heitor. **Guia Prático para a educação artística e musical. Vol. 1. 1º, 2º e 3º cadernos**. Rio de Janeiro: ABM: Funarte, 2009.
5. PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia Musical Brasileira no Século XX, Metodologia e Tendências**. 2. ed. revista e aumentada. Brasília: Editora MusiMed, 2013.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Prática em Conjunto II

PERÍODO: 4º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Vivenciar a prática musical em conjunto onde habilidades individuais e grupais sejam desenvolvidas por meio da leitura, solfejo e interpretação de partituras, da afinação, da qualidade musical e do equilíbrio das vozes.

OBJETIVOS

- Promover a prática musical coletiva observando a disponibilidade instrumental;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais sobre a prática de música em conjunto;
- Aperfeiçoar a prática da leitura de partituras;
- Habilitar o estudante a perceber o repertório para grupos musicais em diferentes épocas, estilos e compositores;
- Estimular os estudantes a interpretarem e criarem seus próprios arranjos e composições para grupos musicais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Técnicas de Prática em Conjunto <ul style="list-style-type: none"> • Conceitos básicos: entrada, condução e finalização; • Leitura; • Afinação; • Estudos por naipes. 	20 h/a
2	Aspectos rítmicos <ul style="list-style-type: none"> • Ritmo, métrica e acentuações; • Anacruses, síncopes e contratempo. 	10 h/a
3	Aspectos melódicos <ul style="list-style-type: none"> • Motivos; • Temas; • Frases; • Períodos; • Formas. 	10 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;

- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. SÉRVIO, Evaldo Passos. **Prática de Conjunto em Música Brasileira**. Teresina: EDUFPI, 2002.
2. PLADEVALL, Jayme. **Bateria Contemporânea: técnicas e ritmos**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.
3. GUEST, Ian. **Arranjo: método prático**. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.
4. MIGNONE, Liddy Chiaffarelli, FERNANDEZ, Marina Lorenzo. **Iniciação Musical: Treinos de Ouvido, Ritmo e Leitura**. Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.
5. PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia Musical Brasileira no Século XX, Metodologia e Tendências**. 2. ed. revista e aumentada. Brasília: Editora MusiMed, 2013.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Inglesa

PERÍODO: 4º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Desenvolvimento das quatro habilidades, em nível básico, para usar a língua em diferentes contextos socioculturais, dentro das práticas sociais, e suas possíveis formas de integração, utilizando temas variados.

OBJETIVOS

Geral

Utilizar a língua Inglesa em contextos socioculturais dentro das práticas sociais

Específicos

- Ativar o conhecimento de mundo sobre os temas abordados.
- Compreender as relações entre as diversas linguagens.
- Reconhecer a função e características de diversos gêneros discursivos.
- Desenvolver as competências de leitura para ler e compreender diferentes gêneros discursivos relacionados aos temas abordados.
- Compreender enunciados orais em língua inglesa a partir de diferentes gêneros discursivos orais.
- Utilizar a Língua Inglesa em situações reais de comunicação de forma comprehensiva e adequada
- Desenvolver as competências da escrita enquanto processo, contemplando os diversos gêneros textuais estudados.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Unidade 1: Eixo Temático: Formas e expressões de talentos Aspectos Linguísticos: Greetings and Introductions (Formal and informal)	10 h/a
----------	---	--------

	greetings) Unidade 2: Eixo Temático: Arte urbana Aspectos Linguísticos: <i>Can</i> for ability, possibility, and permission.	
2	Unidade 3- Eixo Temático: Expressão Corporal Aspectos Linguísticos: Simple present and adverbs of frequency Unidade 4 – Eixo Temático: Mundo da música Aspectos Linguísticos: Yes/No and WH Questions	10 h/a
3	Unidade 5- Eixo Temático: Moda: inclusão e impactos ambientais Aspectos Linguísticos: <i>Must</i> for obligation and deduction Unidade 6- Eixo Temático: Artes visuais Aspectos Linguísticos: Simple past and prepositions	10 h/a
4	Unidade 7 – Eixo Temático: Artesanato Aspectos Linguísticos: Possessive adjectives and genitive case Unidade 8 – Eixo Temático: Tradições Culturais Aspectos Linguísticos: <i>Going to</i> for predictions and future plans.	10 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aula expositiva/dialogada, ilustrada para desenvolver compreensão oral e escrita, utilizando gêneros discursivos diversos.
- Miniprojetos com temas desenvolvidos no bimestre, de forma integradora, que culminem com apresentação de seminários, criação de jogos, recitais musicais e poéticos, blogs, vídeo clips.
- Visitas técnicas;
- Apresentação de músicas; filmes; documentários.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco /computador/ Microsystem / Datashow/ lousa.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos,

estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

Livro didático:

MENEZES, Vera et all. **Alive high**. SM. São Paulo. 2^a edição. 2016. Volume 1.

Bibliografia Complementar:

AMORIM, J. Longman: Gramática Escolar da Língua Inglesa. São Paulo: Longman,

DICIONÁRIO Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês: português-inglês, inglês-português. Oxford : Oxford University Press,

Longman Dicionário Escolar - Inglês / Português - Português / Inglês - 2^a Ed.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Harmonia Funcional e Improvisação

PERÍODO: 4º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Abordar os fundamentos das funções da Harmonia no Sistema Tonal dotando o estudante de competências voltadas para a percepção e manipulação dos aglomerados sonoros através da experimentação criativa pela improvisação.

OBJETIVOS

- Promover a discussão e compreensão das funções dos aspectos harmônicos no Sistema Tonal;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais para a análise das harmonizações no Sistema Tonal;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais sobre as “Leis Tonais”;
- Dotar o estudante de conhecimentos fundamentais sobre improvisação melódica;
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprehensivo da manipulação dos aglomerados sonoros contextualizado-os aos períodos históricos;
- Proporcionar ao estudante a experimentação prática dos elementos fundamentais da construção harmônica, suas funções e improvisações.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	<ul style="list-style-type: none"> • Notas Preliminares: Tríades, Tétrade, Dobramentos, Distanciamento entre Vozes, Movimentação de Vozes, Escalas e Arpejos; 	4 h/a
2	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira Lei Tonal (funções principais): condução de vozes, Acordes Perfeitos e Suas Inversões, Acordes Dissonantes Diatônicos, Acorde de Sexta-Apojatura, Acorde de Quarta e Sexta-Apojaturas, Acorde de Sétima de Dominante, Acorde de Nona de Dominante, Acorde de Décima Terceira de Dominante, Acorde de Sexta Acrescentada, Acorde de Sétima de Tônica e de Subdominante e improvisação sobre estes; 	6 h/a
3	<ul style="list-style-type: none"> • Segunda Lei Tonal: funções secundárias e suas improvisações; 	4 h/a
4	<ul style="list-style-type: none"> • Terceira Lei Tonal: dominantes individuais e suas improvisações; 	4 h/a
5	<ul style="list-style-type: none"> • Esquema do “Dó Central”; 	4 h/a
6	<ul style="list-style-type: none"> • Quarta Lei Tonal: Tonalidade Dilatada; 	4 h/a
7	<ul style="list-style-type: none"> • A cadência do Jazz e improvisações; 	10 h/a
8	<ul style="list-style-type: none"> • Quinta Lei Tonal (modulação): diatônica, cromática, enarmônica. 	4 h/a

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;

- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica:

1. KOELLREUTTER. Hans, J. **Harmonia Funcional**. Ricordi, 3^a Edição, ?.
2. FARIA, Nelson. **A arte da improvisação**. São Paulo: Lumiar, 2010.
2. SIQUEIRA, José de Lima. **Canto dado em XIV lições**. João Pessoa: SECULT, 1981.
3. HINDEMITH, Paul. **Curso condensado de harmonia tradicional**. São Paulo: Irmaos Vitale, [1949?].
4. LIMA, Marisa Ramires Rosa. **Harmonia: uma abordagem prática**. São Paulo: Ed. da Autora, 2010. Com CD.
5. DUDEQUE, Norton. **Apostilas**. Curitiba: DeArtes (UFPR), 2010.
6. SCHOENBERG, Arnold. **Harmonia**. São Paulo: UNESP, 2001.

Bibliografia Complementar:

1. KOSTKA, Stefa; PAYNE, Dorothy. **Tonal Harmony**. Boston: McGraw Hill, 2000.

2. PISTON, Walter. **Harmony**. Nova York: W.W. Norton, 1987.
3. ALDWELL, Edward; SCHACHTER, Carl. **Harmony and voice leading**. Boston: Thomson/Schirmer, 2003.
4. KOSTKA, Stefa; PAYNE, Dorothy. **Tonal Harmony**. Boston: McGraw Hill, 2000.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Audição e Crítica

PERÍODO: 4º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Análise das diferentes formas de escuta através do estabelecimento de critérios não subjetivos de julgamento da obra musical e, ou da interpretação musical.

OBJETIVOS

- Desenvolver a escuta ativa, atenta à elementos musicais intrínsecos aplicando conhecimentos adquiridos em disciplinas como: história da música e teoria musical;
- Ampliar o escopo do repertório musical individual dos estudantes estimulando a escuta de todo o tipo de música: música erudita – antiga e atual, popular comercial e alternativa, música oriental, dos povos primitivos, entre outras;
- Reconhecer gêneros e estilos musicais;
- Conhecer e reconhecer diferentes práticas interpretativas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	<ul style="list-style-type: none"> ● O que é crítica? Deixando de lado o gosto pessoal e desenvolvendo uma crítica sem preconceitos; ● Estímulo a objetividade e utilização de termos técnicos para se referir a uma composição musical; ● Leitura do capítulo 2 do livro: Como ouvir e entender a Música de Aaron Copland; ● Audição dos exemplos musicais citados no capítulo 2; ● Visita à página: sala de Concerto J. J. de Moraes (http://www.ijotademoraes.com.br/). 	10 h/a
2	<ul style="list-style-type: none"> ● Audição de CD constante da Sala de concerto e leitura da crítica; ● Leitura compartilhada dos capítulos 1 e 2 do livro – O que é Música de J. J. de Moraes; ● Audição dos exemplos musicais citados no livro; ● Música do oriente, Música experimental. 	10 h/a
3	<ul style="list-style-type: none"> ● Discussões sobre as fronteiras dos estilos musicais, derrubando preconceitos, adquirindo ferramentas para a audição de qualquer estilo musical; ● Outras formas de audição: Ted Talk de Evelyn Glennie; 	10 h/a

	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura do capítulo 16 do livro: Como ouvir e entender a Música de Aaron Copland; ● Reflexões sobre o papel do intérprete; 	
4	<ul style="list-style-type: none"> ● Interpretação historicamente orientada: Documentário sobre Water Music de Haendel; ● Audição da ária Gelido in ogni Venna de A. Vivaldi – acompanhando o manuscrito de Vivaldi; ● Fontes primárias em música, manuscritos – exploração do site IMSLP; ● Discussão sobre questões interpretativas~. 	10 h/a

AÇÕES INTEGRADORAS COM A MATRIZ CURRICULAR

História da Música Ocidental: fatos históricos, de diversos períodos, que se correlacionem com a História da Música Ocidental.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades (seminários, debates, exibição e apreciação crítica) que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (softwares, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas;
- Estimular a discussão para o levantamento dos critérios de escuta musical ativa tanto para a composição quanto para a interpretação;
- Audição de repertório representativo de diferentes estilos e origens;
- Exercícios de crítica de composição e de interpretação com aplicação de critérios propostos antecipadamente.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (projetor de multimídia, computadores, estabilizador, caixa de som, etc.); aparelho de som, aparelho de DVD, quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas,

psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica

- BERNSTEIN, Leonard. O mundo da Música
- COPLAND, Aaron. Como ouvir e entender a música - Música. Tradução de Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro. Editora Artenova
- GROUT, D. J; PALISCA, C. V. História da Música Ocidental. Tradução de Ana Luisa Faria. Lisboa: Gradiva Publicações, 1994.
- GROVE. Dicionário de Música. Editora Zahar
- HARNONCOURT, Nicolaus. O Discurso dos Sons
_____. O diálogo musical
- WISNIK, J. M. O som e o Sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PLANO DE ENSINO

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INSTRUMENTO MUSICAL

COMPONENTE CURRICULAR: Introdução à Pedagogia do Instrumento

PERÍODO: 4º semestre

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 02 h.a.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 40 h.a. (33 h.r.)

EMENTA

Abordar os fundamentos do processo de ensino e aprendizagem dos instrumentos musicais no contexto dos espaços não-formais de Educação Musical, refletindo acerca dos diversos aspectos, em suas possibilidades e limitações, que caracterizam a atuação docente do Técnico em Instrumento Musical.

OBJETIVOS

- Promover a compreensão sobre as possibilidades e limitações de atuação docente do Técnico em Instrumento Musical;
- Apresentar o conhecimento acerca das princípios didáticos e metodológicos do ensino individual e coletivo de instrumento musical;
- Ofertar conhecimentos básicos acerca da elaboração de planos de aula, planos de curso, etc.
- Desenvolver no estudante o potencial reflexivo e comprehensivo acerca das possibilidades de avaliação de aprendizagem no contexto musical;
- Proporcionar ao estudante a vivência com elementos introdutórios da docência das diversas famílias instrumentais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1	Contextos de atuação docente do Técnico em Instrumento Musical <ul style="list-style-type: none"> • Distinção entre os contextos de Educação Musical: formal, não-formal e informal; • Espaços não-formais: Cursos Livres (aulas particulares, escolas especializadas particulares, Projetos Sociais, ONGs, Igrejas, etc.). 	6 h
2	Possibilidades metodológicas/didáticas <ul style="list-style-type: none"> • Ensino individual; • Ensino coletivo; • Processo de musicalização; • Adequação das ferramentas de ensino e aprendizagem do instrumento, percepção, escrita e solfejo musical de acordo com o contexto; • Introdução aos métodos ativos; • Ferramentas tecnológicas (EaD, vídeo-aula, etc.). 	16 h
3	Elementos <ul style="list-style-type: none"> • Plano de aula; • Plano de curso; 	6 h

4	Avaliação da aprendizagem no ensino do instrumento <ul style="list-style-type: none"> • Auto-avaliação • Avaliação contínua • Avaliação quantitativa e qualitativa • Utilização de ferramentas tecnológicas 	4 h
5	Práticas didáticas específicas dos Instrumentos Musicais <ul style="list-style-type: none"> • Cordas; • Sopro; • Percussão. 	8h

AÇÕES INTEGRADORAS

Instrumento Musical: notação, durações, ritmos, e processos musicais na História.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas expositivas dialogadas;
- Relacionamento efetivo dos conteúdos apresentados com exemplos musicais reais;
- Valorização dos aspectos criativos e humanos;
- Projetos/Atividades: seminários, debates, exibição e apreciação crítica;
- Projetos/Atividades que propiciem ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com os colegas;
- Realização das atividades subsidiadas por aportes tecnológicos (editores, aplicativos etc.);
- Acesso à Internet como elemento de pesquisa;
- Aulas externas e visitas técnicas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Sala de aula equipada com: multimídia completo (computador, projetor de multimídia e caixa de som), quadro branco, pincéis para quadro, cadeiras e mesas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Compreendida como uma prática processual, diagnóstica, contínua e cumulativa, a avaliação da aprendizagem pretende garantir a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação ocorrerá por meio de situações de aprendizagem desenvolvidas a partir de diversos instrumentos de verificação que favoreçam a identificação dos níveis de domínio de conhecimento e do desenvolvimento discente nas dimensões cognitivas, psicomotoras e atitudinais. Através de instrumentos próprios, tais quais trabalhos práticos, estudos de caso, simulações, projetos, situações-problema, relatórios, provas, pesquisa, debates, seminários, dentre outros, a verificação do domínio de conhecimentos será expressa em notas, numa escala de 0 (zero) a 100 (cem), considerando os indicadores de conhecimento teórico e prático e de relacionamento interpessoal. Deverão ser realizadas um número mínimo de 02 (duas) avaliações de aprendizagem durante o semestre letivo. Caso o estudante obtenha desempenho inferior a 70% (setenta por cento) na média obtida após a realização das avaliações, terá direto à ser submetido à avaliação final, conforme recomendações descritas no Regulamento Didático dos Cursos Técnicos Subsequentes.

BIBLIOGRAFIA**Bibliografia Básica:**

1. BORÉM, Fausto. Por uma unidade e diversidade da pedagogia da performance. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, 45-54, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/311/241>>. Acesso em: 08/07/2018.
2. ESPERIDIÃO, Neide. Educação profissional: reflexões sobre o currículo e a prática pedagógica dos conservatórios. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 7, 69-74, set. 2002. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/433>>. Acesso em: 08/07/2018.
3. HARDER, Rejane. Algumas considerações a respeito do ensino de instrumento: Trajetória e realidade. Opus, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 127-142, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/240/220>>. Acesso em: 08/07/2018.

21. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo. Práticas pedagógicas e ensino integrado. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 36., 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Editora da Anped, 2013.

ARAÚJO, R. **O ensino da música nas séries iniciais das escolas municipais de Curitiba.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Estudos Pós-Graduados, Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti, Curitiba, 2001.

BEYER, E. O formal e o informal na Educação Musical: o caso da educação infantil. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM SUL, 4., 2001, Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: Imprensa Universitária – UFSM, 2001.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.044**, de 21 de outubro de 1969. Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica. Publicado no D.O.U. de 22.10.1969 e retificado no D.O.U. em 11/11/1969.

_____. **Lei nº 6.202**, de 17 de abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. Publicado no D.O.U. em 17/04/1975.

_____. **Constituição de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Publicado no D.O.U em 5/10/1988.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In: MEC/SEMTEC. Educação Profissional: legislação básica. Brasília, 1998. p. 19-48.

_____. **Lei nº 9.536**, de 11 de dezembro de 1997. Regulamenta o parágrafo único do art. 49 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Publicado no D.O.U. de 12.12.1997.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 35**, de 05 de novembro de 2003. Normas para a organização e realização de estágio de alunos do Ensino Médio e da Educação Profissional.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 34**, de 10 de novembro de 2004. Consultas sobre estágio supervisionado de alunos da Educação Profissional, do Ensino Médio, inclusive na modalidade de Educação Especial, e de Educação de Jovens e Adultos.

_____. **Decreto nº 5.154**, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Publicado no D.O.U. de 26.07.2004.

_____. **Resolução nº 4**, de 26 de novembro de 1999. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de nível técnico. In: MEC/SEMTEC. Diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. Brasília, 2000. p. 47-95.

_____. **Parecer nº 39**, de 8 de dezembro de 2004. Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de nível médio e no Ensino Médio.

_____. **Resolução CNE/CEB n.º 1**, de 21 de janeiro de 2004. Estabelece Diretrizes Nacionais para a organização e a realização de Estágio de alunos da Educação Profissional e do Ensino Médio, inclusive nas modalidades de Educação Especial e de Educação de Jovens e Adultos.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 2**, de 4 de abril de 2005. Modifica a redação do § 3º do artigo 5º da Resolução CNE/CEB nº 1/2004, até nova manifestação sobre estágio supervisionado pelo Conselho Nacional de Educação.

_____. **Resolução nº 1**, de 3 de fevereiro de 2005. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de nível médio às disposições do Decreto nº 5.154/2004

_____. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.

_____. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Publicado no D.O.U de 30.12.2008.

_____. **Parecer nº 11**, de 09 de maio de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 20**, de 8 de novembro de 2012. Consulta sobre a legitimidade da realização das atividades de vivência e prática profissional em ambientes de empresas de setor produtivo.

_____. **Resolução nº 2**, de 30 de janeiro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

_____. **Resolução nº 4**, de 16 de março de 2012. Altera a Resolução CD/FNDE nº 62, de 11 de novembro de 2011.

_____. **Resolução nº 6**, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

_____. Tribunal de Contas da União. **Acórdão nº 506/2013** – TCU – Plenário, de 13 de março de 2013. Brasília, DF: 13 de março de 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Documento orientador para a superação da evasão e retenção na Rede Federal de Educação Profissional**, Científica e Tecnológica. Brasília/DF: 2014.

_____. **Resolução nº 1**, de 05 de dezembro de 2014. Atualiza e define novos critérios para a composição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, disciplinando e orientando os sistemas de ensino e as instituições públicas e privadas de Educação Profissional e Tecnológica quanto à oferta de cursos técnicos de nível médio em caráter experimental, observando o disposto no art. 81 da Lei nº 9.394/96 (LDB) e nos termos do art. 19 da Resolução CNE/CEB nº 6/2012.

_____. Resolução Nº 01, de 14 de dezembro de 2014, que atualiza o Catálogo Nacional de

Cursos Técnicos. Brasília, 2014.

_____. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, 2015.

_____. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

BRESLER, L. Traditions and change across the arts: case studies of arts education. *International Journal of Music Education*, n. 27, 1996.

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **O Estágio Supervisionado**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMPBELL, P. S. **Songs in their heads**. New York: Oxford University Press, 1998.

CUNHA, Gregório Maranguape da (Org.). **Estágio nos Cursos Tecnológicos: conhecendo a Profissão e o Profissional**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

DEL BEN, L. Ouvir-ver música: novos modos de vivenciar e falar sobre música. In: SOUZA, J. (Org). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2000.

DEL BEN, L.; HENTSCHKE, L. Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 7, 2002.

DEMO, Pedro. Lógica e democracia da avaliação. **Ensaio, avaliação e políticas públicas**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 323-330, 1995.

DUARTE, M. A. Objetos musicais como objetos de representação social: produtos e processos da construção do significado musical. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 13, 2002.

DORE, Rosemary; LÜSCHER, Ana Zuleima. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 772-789, set./dez. 2011.

FIALHO, V. M. **Hip Hop Sul**: um espaço televisivo de formação e atuação musical. Dissertação (Mestrado em Educação Musical)–Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

FREIRE, V. L. B. **Música e sociedade**: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música. Porto Alegre: ABEM, 1992. (Série Teses 1).

_____. Música, globalização e currículos. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 8., 1999, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABEM, 1999.

FREITAS, Luiz Carlos. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v.35, nº 129, p. 1085 – 1114, out-dez. 2014.

FUKS, R. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991. (Série Música e Cultura, v. 1).

_____. **Transitoriedade e permanência na prática musical escolar**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Fundamentos da Educação Musical 1).

IBAÑES, T. Representaciones sociales: teoria y método. In: IBAÑES, T. **Ideologías de la vida cotidiana**. Barcelona: Sendai, 1988.

IFPB. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2015 - 2019)** 2015.

_____. **Resolução CS/IFPB N° 240**, de 17 de dezembro de 2015. Aprova o Plano de Acessibilidade do IFPB. 2015.

_____. **Resolução ad Referendum nº 01**, de 06 de janeiro de 2017. Dispõe sobre Regulamento para criação, alteração e extinção de cursos Técnicos de Nível Médio e de Graduação no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

_____. **Plano de ação**: estratégia de intervenção e monitoramento de desempenho – Campus João Pessoa.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIFFORD, E. F. An Australian rationale for music education revisited: a discussion on the role of music in the curriculum. **British Journal of Music Education**, v. 5, n. 2, p. 115-140, 1988.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 25 ed., 2003.

HUMMES, J. **As funções do ensino de música, sob a ótica da direção escolar**: um estudo nas escolas de Montenegro/RS.Dissertação (Mestrado em Educação Musical)–Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KRASILCHIK, Myriam. As relações pessoais na escola e a avaliação In: **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média.Amélia Domingues de Castro; Anna Maria Pessoa de Carvalho; organizadoras – São Paulo: Cengage Learning, p. 165-175), 2016.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 17 ed., 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar) (50 p.)

MACHADO, Lucília. MACHADO, Lucília Regina de Souza . Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: JAQUELINE MOLL & Colaboradores. (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades.** 1^a ed. Porto Alegre, RS: ARTMED EDITORA S.A., 2009.

MERRIAM, A. O. **The anthropology of music.** Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MORAES, Francisco de.; KÜLLER, José Antonio. **Currículos integrados no ensino médio e na educação profissional:** desafios, experiências e propostas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2016.

PAIVA, Cantaluce Mércia Ferreira. **Educação profissional e ensino médio:** relação direta com a(s) juventude(s). (2012). Disponível em <<http://www.anpae.org.br/seminario/ANPAE2012/Textos/CantaluceMerciaFerreiraPaiva.pdf>> Acesso em 09/12/2017.

SOUZA, J. Funções e objetivos da aula de música visto e revisto através da literatura dos anos trinta. **Revista da ABEM**, n. 1, 1992.

_____. (Org.). **Música, cotidiano e educação.** Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2000.

SOUZA J. et. al. b Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2002. (Série Estudos 6).

SWANWICK, K. **Music as culture.** 1997. Disponível em: <<http://www.nyu.edu/education/music/mayday/maydaygroup/papers/swanwick1a.htm>>. Acesso em: 18/08/2018.

_____. **Ensinando música musicalmente.** São Paulo: Moderna, 2003.

TOURINHO, I. Música e controle: necessidade e utilidade da música nos ambientes ritualísticos das instituições escolares. **Em Pauta**, Porto Alegre, ano 5, n. 7, 1993a.

_____. **Usos e funções da música na escola pública de 1º grau.** Porto Alegre: UFRGS, 1993b. (Fundamentos da Educação Musical 1).

_____. A atividade musical como mecanismo de controle no ritual da escola. **Boletim do Nea.** Porto Alegre, n. 2, 1994.